

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
IACS - INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

PRODUÇÃO CULTURAL

JEOSANNY LINO DA SILVA

PASSINHO FODA

Bondes e Produção Cultural Independente

NITEROI, RJ

2017

JEOSANNY LINO DA SILVA

PASSINHO FODA

Bondes e Produção Cultural Independente

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Produção Cultural do Instituto de arte e comunicação social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de graduanda em Produção cultural.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Rôssi Alves

NITERÓI, RJ

2017

S586 Silva, Jeosanny Lino da.
Passinho Foda : bondes e a produção cultural independente /
Jeosanny Lino da Silva. — 2017.
56 f- : ii.
Orientadora: Rôssi Alves Gonçalves.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) —
Universidade
Federal Fluminense. Departamento de Arte, 2017.
Bibliografia: f. 46-51.

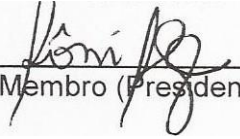
1. Funk (Música). 2. Dança. 3. Juventude. 4. Produção
cultural. I.
Gonçalves, Rôssi Alves. II. Universidade Federal Fluminense.
Departamento de Arte. III. Título.



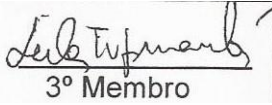
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL	
IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato:	Matrícula: 208.33.091
JEOSANNY LINO DA SILVA	
Título do Trabalho:	
"PASSINHO FODA: BONDES E A PRODUÇÃO CULTURAL INDEPENDENTE"	
Orientador: Dr ^a . Rôssi Alves	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 13/07/2017
BANCA EXAMINADORA	
1 ^o Membro (Presidente): Dr ^a . Rôssi Alves	
2 ^o Membro: Me. Luiz Carlos Mendonça	
3 ^o Membro: Drt. Leila Tupinambá	
AVALIA Ao:	
<p>A banca considerou o tema atual e pertinente, ressaltou a honestidade e ética em relação ao campo de pesquisa e a coragem de realizar um trabalho pioneiro, dada a escassez de referências técnicas sobre o tema.</p> <p>Análise / Comentário</p> <p>(DEZ)</p>	
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):	
<p style="text-align: center;">2,10</p>	

ASSINATURAS


1º Membro (Presidente)

2º M
embro


3º Membro

Para Gambá – Rei do Passinho.

(In Memoriam)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Euda por ser meu exemplo de superação e força, por me amar incondicionalmente e me impulsionar para o mundo, acreditando na minha força de vontade e no meu querer. E que mesmo sem entender o que era Produção Cultural, sempre fez questão de encher a boca para dizer que a filha trabalha fazendo eventos.

A minha irmã Josannizy por ser minha companheira de aventuras, ser ombro amigo quando preciso, me respeitar e me amar do jeito que sou e sempre me apoiar nas minhas decisões mesmo que não concorde com elas.

A minha orientadora prof^a Dr^a Rôssi Alves, que além de professora, se tornou uma grande amiga, compartilhando momentos de dor e sofrimento, mas também de muitas felicidades e alegrias.

Aos mestres do curso de Produção Cultural Gilberto Gouma, Werlang, João Domingues, Luiz Augusto, Wallace de Deus, Luiz Mendonça e a tantos outros..

Aos amigos que a faculdade me deu Mayra Andrade, Luciana Amato, Carina Melo, Vitor Colatino, Felipe Carvalho, Edson Netto, Lívia Campos, Lívia Vertuan, Marcelo Ginu, Adriana Izidoro, Aline, Líana, Dilson, Brian, Carolina, Géssica, Thaís, Melina, Juliana Ramos, Sônia, Aline Mochen,

Ao meu amigo amor dos tempos de colégio até sempre Nayon Nigel, sem ele não seria possível à realização desse trabalho, é quem incentiva com rigor, quem puxa a orelha, mas também quem tem ombro amigo e colo.

A Ingrid Carvalho, amiga que a cultura aproximou e que sem sua amizade e sem seu incentivo e seu alto astral nada disso seria possível.

Aos queridos companheiros de trabalho e projetos da Agência de Redes para Juventude Bruno Lima, Kel Canela, Ana Paula Lisboa, Karina Rodrigues, Marina Moreira, Valquiria Oliveira, Veruska Delfino, Hanier Ferrer, Marcus Faustini e Aline Resende.

A minha maior referência de produtora na vida Patrícia Puppim, quem acreditou no potencial desse trabalho antes de mim mesmo, me ajudando com bibliografias, textos e dicas preciosas.

A querida Maíra Dias, colega de faculdade que muito dividiu comigo as dores e delícias de executar um trabalho monográfico, disponibilizando conteúdos e referências sempre que achava algo que era interessante pra complementar a minha pesquisa.

Aos Djs de funk mais brabos desse Rio de Janeiro Baré e Mouchoque pelo carinho que sempre tiveram ao dividir informações preciosas sobre a história do funk. A galera do Eu Amo Baile Funk, Mateus Aragão, Juliana Aragão, Croata, Léo, Jhonathan, Felipe, Dj Grandmaster Raphael e muitos outros que contribuem com o movimento e que sempre se mostraram dispostos a tirar dúvidas e a contribuir com o funk.

A Leila Tupinambá, amiga produtora uma das maiores referências de mulher no campo da produção de eventos de funk, fonte de inspiração para que esse trabalho tenha tomado o viés da produção independente,

Aos queridos Emílio Domingos, Leandra Perfect, Camilla Garcia, Maria Puppim Buzanovsky, Roberta Mello, Débora Almeida, Jéssica Oliveira, Rafael Dragaud, Joana Swan, Julio Ludemir, Vinimax, Seduty, Hugo Oliveira, Key, Thiago de Paula e Mike muito obrigado pelo carinho, afeto e respeito que sempre tiveram comigo e com essa pesquisa.

Por fim, porém não menos importante, todos os dançarinos de passinho que contribuíram para que essa pesquisa se fizesse possível: Michel Souza, Celly, Cebolinha, Severo, Isaque, Kinho, Pelúcia, Yuri Mister Passista, Carlos Azevedo, Tico, Teco, Tk, Bk, Vic, Sanderson, Cristian do Passinho, JP, Brayan Dancy, Yago, Charlinho, Danilo, Xuxa, Macumbinha, Bolinho, Renê, Fabio Almeida, Negonego Batalha, Safadin Dancy, Dizin do Passinho, Samuca, Tinho, Gn, Leony, CL, DG, Lellezinha, Pablinho, Hiltinho, Breguete, Wendel, Jackson, Sheik, Michel Bracinho, Iguinho, Salsa, Kipula, Fernando Espanhol, VN Dançarino Brabo, Bruno Ferreira, Jonathan Neguebites, Fellyppe Idd, André DB, PQD Mega Dancy, Leet Silva, Claudinho Idd, Yure Idd, Baianinho, Beiçola, Camarão Preto, Baratinha, 2P Idd, Bruno Idd, Sidy Mega Dancy, Jhon Jhon, Dimi Dancy, Marcellinho, Thayna Oliveira, Ana Santiago, Rebeca Barboza, Duda Lopes, Mc Carolzinha, JN, Pedro dos Anjos, Wallace Rodrigues, PL, JD, Dú C, Esther, Allan Nascimento e Junior Fernandes meu muito obrigado.

Desculpa o termo que vou usar: PASSINHO FODA!

(Camarão Preto – Filme a Batalha do Passinho)

RESUMO

O presente trabalho apresenta um recorte do Funk carioca através da dança do Passinho no Rio de Janeiro, mostrando, a partir do resgate das origens do estilo musical e do retrato da comunidade do Passinho Foda, as diferentes faces deste movimento cultural da periferia carioca. Analisa-se os possíveis significados de apropriação dos passinhos do charme embalados pelo *black music* e seus meios de produção para expandir essa manifestação cultural. Para a pesquisa foram utilizados como referenciais teóricos autores que desenvolveram conceitos a respeito da juventude e do funk carioca e métodos de estudos culturais. Somou-se ainda a análise de matérias jornalísticas, documentários e registros audiovisuais produzidos pelos próprios dançarinos desse campo de expressão. A pesquisa de campo e vivência do pesquisador no universo do Passinho proporcionou a captura de depoimentos relevantes para a realização da pesquisa do universo dos Bailes Funks desde o seu surgimento, com as galeras, trezinhas e bondes nos anos 90, e um retrato do comportamento e identidade desta comunidade: o estilo, a dança e a relação estabelecida entre os frequentadores nos eventos em questão. Com este trabalho, buscou-se compreender de maneira mais complexa o fenômeno cultural do Passinho e do Funk Carioca, extraindo possíveis leituras que auxiliem o pensamento crítico e a intervenção no campo da produção cultural, em especial, a que trata de expressões culturais produzidas pela juventude negra e de periferia, na cidade do Rio de Janeiro. O passinho se reinventa buscando intercâmbios com outros estilos de dança, contribuindo para o seu desenvolvimento e potencializando suas performances.

PALAVRAS CHAVES: FUNK, PASSINHO, JUVENTUDE, PRODUÇÃO.

ABSTRACT

This work presents a description of the *carioca* Funk focusing on the *Passinho* dance in Rio de Janeiro, showing the different faces of this cultural movement from Rio's periphery, starting with the rescue of the origins of the music style and the portrait of the *Passinho Foda* community. It analyzes the possible meanings of the dance steps, animated by the American black music, and its means of production to expand this cultural manifestation. For the research were used as theoretical references authors who developed concepts regarding youth and carioca funk and methods of cultural studies. It must be included the analysis of journalistic material, documentaries and audiovisual records produced by the dancers themselves in this field of expression. The field research and the researcher's own experience in the universe of the *Passinho* provided the data collection of relevant testimonies for the realization of the research on the span of Funk balls, beginning with its inception, the youth groups, *tremzinhos* and *bondes* of the 90s, and a portrait of the behavior and identity of this community: the style, the dance and the established relationship among the attendants in the events in question. The aim of this work was to understand the cultural phenomenon of the *Passinho* and Carioca Funk in a more complex way, extracting possible readings that aid critical thinking and intervention in the field of cultural production, especially that which deals with cultural expressions produced by Black youth and that of the periphery in the city of Rio de Janeiro. The *Passinho* reinvents itself by seeking exchanges with other dance styles, contributing to its development and enhancing its performances.

KEY WORDS: FUNK, PASSINHO, YOUTH, PRODUCTION.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O JOVEM FAVELADO NO BRASIL	13
1.1 O FUNK E A ORIGEM DO PASSINHO	13
1.2 A JUVENTUDE POPULAR MOSTRA SUA CARA: IGUAIS E DIFERENTES.	19
2. HISTÓRICO DAS GALERAS: <i>TRENZINHO, GALERAS E BONDES</i> - NASCE À PRODUÇÃO INDEPENDENTE DO FUNK.	27
2.1. UM PASSINHO NA MODA DOS ANOS 90 E ANOS 2000.	29
2.2. OS PRIMEIROS BONDES.	31
2.3. PRODUÇÃO CULTURAL INDEPENDENTE DO FUNK – DANÇARINOS PRODUTORES.	32
3. ANÁLISE DOS BONDES DE PASSINHO	36
3.1 OS FABULLOSOS	36
3.2. BONDE DO PASSINHO	38
3.3. DREAM TEAM DO PASSINHO	40
3.4. PESQUISA.	43
CONCLUSÃO	46
REFERENCIAS	49
ANEXOS	52

INTRODUÇÃO

Memória:¹ A memória mais antiga que tenho é da filha da proprietária da casa em que morava, chegando de manhã do baile funk, uma menina de 13 pra 14 anos de kenner no pé. Voltava eufórica, transcendendo alegria e suor! Depois disso me recordo dos ônibus no sábado a noite estacionados na esquina da minha casa, aguardando os funkeiros para irem aos bailes no Rio, nessa época, idos dos anos 90, baile funk no Rio tinha a sua mística. E assim iam chegando homens e mulheres com seus tênis da rebook, shortinho de cintura alta, cabelos de canudinho e suas pochetes. Aí era só aguardar que no domingo de manhã voltavam cheios de histórias pra contar.

Em meio a tantas possibilidades que a cultura nos traz, o funk sempre foi o que mais me chamou atenção, seja pela sua capacidade criativa ou pela sua história de resistência. Em 2012, trabalhando em um projeto chamado Agência de Redes para Juventude me deparei com uma apresentação de Passinho na Arena Jovelina Pérola Negra na Pavuna. Eram meninos e meninas com roupas largas coloridas e na sua maioria negros, eu que até então nunca havia ido a um baile funk “de verdade” pude ver de perto o que era a dança do Passinho e me encantar.

Quando soltou o “batidão”, uma mágica aconteceu, os pés voavam, davam entortadas surreais, cruzavam em uma velocidade surpreendente, as mãos dançavam acompanhando o ritmo e o suor escorria pelo rosto assim como o sorriso. E o som? O som era o Funk. A partir desse momento me interessei e desde então me aproximei, fiz diversos trabalhos de disciplinas incluindo esse tema e decidi torná-lo objeto da minha pesquisa monográfica de conclusão do curso de Produção Cultural.

Para falar desse movimento do Passinho, é necessário também abordar o Funk Carioca, que se difere muito em sua composição de quando chegou ao Rio através dos discos americanos. A contemporaneidade do tema por se tratar de algo novo e uma cultura em ascensão torna árdua à pesquisa, haja vista que poucos são autores que trabalharam essa temática proposta pela pesquisa, o que a torna de certa maneira necessária e urgente dentro da

¹ A partir dos anos 90 a minha relação com o funk começa a ser desenhada, neste momento eu me interessei pelo funk. As galeras que iam ao baile funk me despertava uma curiosidade máxima de conhecer aquele cenário, o que eu só veio acontecer em 2012 conhecendo a galera do Passinho na Arena Jovelina Perola Negra.

Universidade pública brasileira a fim de desbravar e potencializar as discursões a cerca do Passinho.

A Pesquisa busca fazer uma análise dos meios de produção, usadas por esses jovens para produzirem seus desejos e sua dança. De que forma esses desejos foram atravessados por fazimentos e até que ponto produtores culturais que tem formação acadêmica ou em cursos deve interferir nesse movimento, a fim de buscar uma melhor consolidação no mercado, na mídia e nos holofotes.

No primeiro capítulo apontaremos a história do funk carioca, atentando para seu surgimento, os bailes, o lado A e o lado B, as galeras, os trenzinhos, os primeiros bondes com coreografias de dança. No segundo capítulo faremos abordagem sobre o passinho, mostrando um movimento de dança que ganhou força com o uso da internet, das redes sociais, das *lan houses* e das câmeras fotográficas. No terceiro capítulo faremos uma análise de três bondes de passinho, considerando diferentes no sentido da produção, são eles Os Fabulosos, bonde de passinho de Queimados que trabalham de forma independente, O Bonde do Passinho, de Madureira, que tem uma produtora de médio porte fazendo sua assessoria e o Dream Team do Passinho, que é uma empresa e conta com toda uma equipe de produção.

Usaremos como referência a primeira grande obra sobre o Funk, o estudo de Hermano Viana, “O Mundo Funk Carioca”, de 1987, passando por artigos; como o *Apropriações low-tech no Funk carioca* da Simone Pereira de Sá; trabalho monográfico como o “É melhor tu rabiscar” da Negra Maria produtora cultural formada pela Universidade Federal Fluminense e matérias retiradas da internet.

O Passinho atualmente é uma explosão no Rio de Janeiro. Antropofágico, ele se apropria de diversos estilos como o frevo, samba, kuduro, hip-hop, *gay dance style* e muitos outros, para compor seu repertório de movimento, utilizando as ferramentas digitais de uma forma única e própria para sua disseminação o passinho vem ganhando espaço e se consolidando como um movimento cultural originário das periferias cariocas. Desse modo pretendo investigar quais são os meios de produção utilizados por esses dançarinos para que alcancem público, visibilidade, mobilizem outros dançarinos, façam participações em companhias de dança, viagens internacionais e participem de projetos.

Vale ressaltar que parte da pesquisa se dá pela a proximidade que tenho com os dançarinos seja como jurada nas batalhas de passinho, seja escrevendo projetos para os dançarinos, ou participando como convidada dos eventos produzidos por eles, como os ensaios que acontecem no CRJ de Manguinho, ou as aulas que aconteciam na Escola do Passinho,

projeto idealizado por Carlos Lúcio jovem morador do Borel e apoiado pela Agência de Redes Para Juventude em 2013.

I – O JOVEM FAVELADO NO BRASIL

O Funk Brasileiro é reconhecido como uma das maiores manifestações culturais de massa do Brasil, com quase trinta anos de história. Nos anos 70 o funk (gênero musical norte americano) chegou ao Brasil pelos cantores como Gerson Kink Combo com o seu disco “Gerson Combo Brazilian Soul” no qual cantava sucessos brasileiros como Asa Branca, ritmado pela batida importada dos Estados Unidos.

Desde o início dos anos 70 o funk (conhecidas como bailes funk) por fim de semana, atraindo um público de mais ou menos um milhão de pessoas. Esses números colocam o baile funk como uma das diversões mais "populares" da cidade. Só a praia parece atrair, com essa frequência, um público "fiel". (VIANNA, Hermano. 1990 p.244 – 253)

Alguns artistas brasileiros se familiarizaram com o novo ritmo e começaram a tocar sucessos do soul, adotando também as atitudes e o estilo dos chamados Black Power, surgindo, assim, o movimento Black Rio. Ao mesmo tempo surgiram os primeiros bailes dançantes, realizados pelas primeiras equipes de som do Rio de Janeiro, Soul Grand Prix e Furacão 2000. Os chamados “bailes da pesada” comandados pelos discotecários Ademir Lemos e Big Boy, chegou a reunir quatro mil pessoas. Vale ressaltar que as músicas eram predominantemente internacionais.

A década seguinte é marcada pela nacionalização do funk. Influenciado pelo Miami Bass, que trazia batidas mais rápidas, o funk carioca vai tomando forma, com os primeiros raps em português. Os bailes que eram somente realizados em bairros do subúrbio da capital do Rio de Janeiro ganham mais espaços e se expandem para as ruas e para outras regiões da cidade. Equipes duelavam para disputar quem tinham a aparelhagem mais potente. O funk foi ganhando mais fãs, principalmente moradores de comunidades carentes.

Os primeiros Raps, os chamados “melôs” exaltavam o cotidiano dessas pessoas, abordando a violência e a pobreza das favelas. Embora o conteúdo abordasse temas tão complexos a alegria dos bailes nunca acabava. Era um encontro de puro prazer, para se divertir e principalmente para dançar.

1.1 O FUNK E A ORIGEM DO PASSINHO

Nos anos 90 o funk carioca já com uma identidade própria começa a ser alvo do preconceito da sociedade. Além de ter sido popularizado entre as camadas mais pobres da sociedade, nos bailes ocorriam os “Corredores”, no qual dois grupos rivais se enfrentavam e algumas vezes os confrontos resultavam em morte. Vale ressaltar que uma pequena parcela dos frequentadores dos bailes participava desses “corredores”. Porém, o funk e os seus fãs foram ligados à criminalização e ao vandalismo. Outros dois fatos também levaram a mídia a associar a violência ao funk, os frequentes arrastões no Rio de Janeiro e a morte do jornalista Tim Lopes. E toda a alegria do funk foi ameaçada pela generalização criada. Imagem essa que se perpetuou por alguns anos.

No entanto, isso mudou no começo dos anos 2004 o funk carioca ressurgiu de outra forma, através de uma nova vertente, o **passinho** que consiste em coreografias de improvisação criadas por jovens funkeiros das comunidades do Rio de Janeiro, eles introduzem elementos do frevo, capoeira, balé, dança afro, street dance, kuduro, hip hop, break, e improvisam passos a partir das músicas que estão escutando, ganhando assim mais espaço na mídia e sendo exportado até para o exterior.

O Passinho foi criado em 2004, só existia na "Congonha" e no "Jacaré", em 2005 dominou Madureira, no final de 2007 começou a dominar o Rio de Janeiro, e em 2008 o Passinho foi nomeado como "Passinho Foda" pelo Beyçola e seus amigos, e virou febre na internet. (Cebolinha – Um dos primeiros dançarinos de passinho – 2015)

Em meados do ano 2008, a partir de um vídeo postado do *Youtube*, pelo dançarino *Beyçola* o passinho passa a ser nomeado como “Passinho Foda”, atingindo uma marca de mais de 4 milhões de visualizações, pode-se dizer então que esse é o marco do passinho na mídia. O resultado é uma performance que não se repete. Segundo Dayrell (2005 p. 293) “O estilo funk é para esses jovens um meio pelo qual exercem o direito à escolha à experimentações, ao lazer e à diversão; enfim, exercem o direito de serem jovens”.

O Passinho se torna não só uma dança, mas um estilo de vida. Passando a ser então a linguagem coreográfica mais identificada com as comunidades populares cariocas. Quando os dançarinos passam a enxergar o potencial que tem, ao mesmo tempo produtores passam a acreditar que é possível desenvolver esse movimento através de eventos, causando assim uma boa impressão sobre o funk.

O chamado agora “funk do bem”, “dança limpa” que nem de longe é sexualizada, na sua grande maioria dançada por meninos passa a ser aceita e a ser explorada com as Batalhas de Passinhos, espécie de duelos onde os dançarinos se confrontam através da dança.

O Passinho ultrapassa as redes sociais e ganha milhares e milhares de adeptos. Os jovens começaram a postar vídeos de seus passinhos como forma de duelo. O duelo tem sua origem muito clara que é nos bailes funks bombados de comunidades cariocas como no Jacaré, depois sendo expandido para outras favelas como o Parque União, Mandela, Cidade Alta, Arará e Campinho e ganha destaque a partir da internet, se tornando bailes formadores de opiniões onde dançarinos de cada localidade criavam suas coreografias e marcavam duelos, espécie de confronto a fim de definir quem era o melhor. Dessa forma a criatividade, a audácia e a sagacidades fizeram com que meninas e meninos passassem a ensaiar, criar novas combinações de ritmo e dança e participar dos bailes com dançarinos de outros lugares.

O sucesso do Passinho é enorme e surgem os “Bondes dos Passinhos” a partir de uma comunidade da extinta rede sociais “Orkut”, onde jovens discutiam sobre a nova dança e sobre música, promovendo as primeiras batalhas de passinho, assim como dentro dos bailes. Em 2011, foi realizada a primeira batalha oficial, Batalha do Passinho no SESC Tijuca com a presença de jurados e premiação. No ano seguinte, alguns dançarinos que participaram da Batalha de 2011 foram convidados a se apresentarem no encerramento das Paraolimpíadas, em Londres.

Em 2007, Leandra Perfect, uma jovem moradora de Guapimirim baixada fluminense do estado do Rio de Janeiro, frequentadora assídua de bailes funk, criou uma comunidade no extinto Orkut, chamada Passinho Foda, era nessa pagina que rolava os convites para os encontros nos bailes, marcavam os duelos, as discursões sobre quem tinha se saído melhor, votações de bondes e votações sobre os melhores Dançarinos do passinho.

Ela enxergou um potencial enorme nessa juventude e que era necessário criar uma plataforma onde a galera pudesse acompanhar o que estava rolando. Com mais de 10 mil seguidores a comunidade era um canal para que os dançarinos ficassem sabendo dos eventos e dos encontros que eram marcados pela galera. Na comunidade também era possível participar dos fóruns e enquetes de discursão com integrantes de outras localidades, na foto de perfil o Gambá, dançarino tido como rei, assassinado por espancamento em janeiro de 2012. Na comunidade o “Luto Eterno” aparece como modo de dizer que ele Rei do Passinho jamais será esquecido.

A comunidade ganhou notoriedade por ter sido criada por uma mulher que dançava passinho, e que é integrante de um dos bondes mais respeitados por conter diversas integrantes

mulheres, o que não é muito comum no Passinho, o *bonde dos Elites da Dança*. Quem mora em comunidade ou de certa forma tem contato com esses lugares sabe que dali surgem inesperadas “modas”, o Julio Ludemir, escritor, jornalista e criador da FLUPP se atentou a essa moda logo no início, amparado pelo amigo Rafael Nike produtor, músico e morador de Nova Iguaçu na baixada fluminense tiveram a ideia de criar uma Batalha, o que nada mais é que formalizar esses duelos que antes restritos a internet e aos bailes funk e criar uma espécie de batalha, com jurados julgando o melhor passinho e com direito a premiação.

Travaram primeiramente uma luta junto ao patrocínio do SESC enquanto ao nome que sugeria um embate Passinho do menor da favela, o que não foi aceito de primeira os fazendo repensar e retirar *o menor da favela*, deixando a nomenclatura Batalha do Passinho. Feito isso com um orçamento apertado visitaram diversas escolas convidando os dançarinos a participarem do evento, temos ai então o primeiro evento produzido por articuladores culturais que deram forma ao que os meninos já faziam em suas comunidades, mas sem premiação apenas por lazer e divertimento. A batalha do passinho de 2011 foi um sucesso, nunca antes visto, a mídia em peso veio conhecer de perto que fenômeno era esse que tanto motivava a molecada a sair por ai rabiscando.

Não existia critério enquanto a idade teve dançarinos de quatro anos até os mais velhos, e o grande ápice da noite foi o duelo mais esperado entre Gambá e Cebolinha dois grandes dançarinos, teve ainda a final entre Cristian e Jackson, sendo o Jackson vencedor da Batalha de 2011. O resultado da batalha teve grande repercussão, os três finalistas, Gambá 3º lugar, Cristian 2º lugar e Jackson 1º lugar foram convidados a participarem do programa Tv Xuxa na Rede Globo. (programa exibido em 22/10/2011).

No ano seguinte alguns dançarinos que participantes da 1ª Batalha de Passinho foram convidados a integrarem a equipe do encerramento das Paraolimpíadas de Londres em 2012. O passinho ganhava então os holofotes do mundo, era a primeira vez que o passinho saia do Brasil. Aquela cultura que começou nos bailes das comunidades cariocas foi responsável por levar meninos de comunidades para fora do país, um convite feito pelo Comitê Olímpico das Paraolimpíadas de Londres em 2012 para participarem do encerramento dos jogos representando o Brasil.

Indicados pelo Julio Ludemir e pelo Nike foram feitos testes com os finalistas das Batalhas de Passinho de 2011 e desses 10 dançarinos passaram, foram eles *Rene, Cebolinha, Yuri, Granfino, Chocolate, Baianinho, Michel, Iguinho, FB e Bolinho*, receberam cachê de 1.500 reais de participação e ficaram hospedados na cidade de London Bridge e tiveram todas as suas despesas como hotel, alimentação e traslado pagos.

Dois anos após a primeira Batalha oficial, em 2013 o Passinho ganha mais visibilidade, mais fãs e também patrocinadores. Contando agora com o apoio do Governo do Estado, patrocínio da Coca-Cola e apoio da Rede Globo, a Batalha do Passinho - Todo Mundo no Passinho, produzido agora pelo Nike e pelo Rafael Dragaud, diretor artístico da Rede Globo de televisão, juntamente com o marketing da Coca-Cola, foi um grande evento contando com uma enorme infraestrutura como palco, iluminação, produção, mobilização de dançarinos nas redes sociais, incentivo a postar os vídeos como forma de inscrições, circulando por 16 comunidades do Rio de Janeiro sendo elas Morro dos Prazeres, Vila Cruzeiro, Providência, Complexo do Alemão, Salgueiro, Mangueira, São Carlos/Mineira, Cantagalo/Pavão-Pavãozinho, Salgueiro, Formiga, Jacarezinho, Vidigal, Tabajaras, Borel, Batan, Cidade de Deus.

Como em todo evento patrocinado uma das demandas é colocar o patrocinador em evidência, a identidade visual da Batalha do Passinho era em tom de vermelho, cor que remete ao produto. Os dançarinos selecionados com os vídeos que tiveram mais curtidas participaram da batalha e os jurados das batalhas e sua grande maioria artistas convidados pela produção do evento. Sendo assim o cenário estava mais sofisticado e amparado pelo Estado, pela mídia e por um grande patrocinador.

A cada edição da Batalha o primeiro lugar ganhava um kit da Coca-Cola e uma vaga na semifinal a se realizar no Parque de Madureira contabilizando assim 16 finalistas das 16 favelas participantes. A semifinal contou com cerca de 50 mil pessoas no parque ovacionando o passinho e seus favoritos, de todo o lugar do Rio de Janeiro os competidores levaram seus familiares e amigos para torcerem e acompanharem de perto o espetáculo, ônibus fretado pelos familiares chegavam a todo o momento, faixas se espalhavam pelo público, camisetas com as fotos dos dançarinos e muita emoção.

Fotógrafa oficial da Batalha do Passinho Maria Puppim Buzanovisk cobriu todas as edições da batalha, semifinal e final e se destacou não só pelas suas fotos incríveis capturando movimentos aéreos dos dançarinos, mas também pela sua emoção ao cair nas lágrimas ao ver o dançarino Michel dançar, bracinho como é conhecido no passinho é deficiente físico, nasceu com má formação congênita nos membros superiores tendo as mãos desenvolvidas próximo aos ombros, com desenvoltura ele salta, pula, rabisca e arranca aplausos do público que se emociona, uma cena digna de superação dessa juventude e sendo escolhidos pelos jurados com um dos finalistas para a final, os outros foram Hiltinho, Pelúcia e Camila a única menina a chegar à final.

A final realizada no palco do programa Caldeirão do Hulk em 18 de maio de 2013 foi um grande acontecimento, ter a final televisionada por um programa com tamanha audiência

fez com que o Passinho ganhasse uma visibilidade ainda maior. Os jurados Pedro Bial, Petra Gil, MC Koringa, Jon Jon e Juliana Alves julgaram a competição dos quatro finalistas, tendo como vencedor o Hiltinho de Nova Iguaçu levando a premiação de 20 mil reais e o segundo lugar ficou com Michel da Gardênia Azul levando 10 mil reais.



Danilo Pelúcia – cruzada



Michel Bracinho – entortada



Hiltinho – caída



Camilla – rabiscada

>> Acesso em 08/05/2017: Batalha do Passinho Final Caldeirão do Hulk – Fotos Maria Puppim Buzanovisk.

Após a final um novo momento estava instalado dentro da cultura do Passinho, alguns dançarinos com enorme visibilidade por parte da mídia e outro ainda no anonimato. Programas como a Tv Xuxa, Esquentá, Fantástico convidaram os dançarinos para participarem dos programas e assim cada vez mais o Passinho ficava conhecido.

A ponto de serem promovidas três edições do Baile do Passinho na Rocinha ainda com o patrocínio da *Coca cola*, o baile é uma festa com o intuito de agregar ainda mais os dançarinos, promovendo concursos da Diva e do Divo do baile, batalha de barbeiros, apresentação de bondes, premiações em dinheiro e a presença de alguns artistas convidados. Os desdobramentos foram muitos, até que em 2014, o Passinho foi tema de um espetáculo teatral, Na Batalha é formado por 11 dançarinos sendo eles Celly IDD, CL Fabuloso, DG Fabuloso, FB IDD, GN Fabuloso, Jackson Fantástico, Leony Fabuloso, Michel Quebradeira Pura, Negonego Batalha, Iguinho IDD e Ronald Sheick IDD, com estreia e temporada no Teatro João Caetano, teatro esse escolhido pela sua localização central e horário específica com a saída do trabalho.

O que se pode ver no palco é a trajetória do funk contada pelos dançarinos, assuntos como a guerra ao crack, à morte de alguns dançarinos como o Gambá e o DG e abordagens policiais foram alguns dos temas levantados no espetáculo. Após a temporada de sucesso no teatro a companhia recebeu o convite para se apresentarem no festival Brasil Summer Fest no Lincoln Center, em Nova York, tendo as passagens subsidiadas pela Secretária Estadual de Cultura. Em uma manhã chuvosa de 31 de maio de 2015, com lotação máxima o Passinho subia ao palco do Municipal, outro marco muito relevante não só para a história do Funk, mas para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, pela primeira vez o funk adentrou a esse que é um dos maiores símbolos da arte culta e intocável.

Atualmente o passinho é divulgado via redes sociais, como o Facebook, em sites de compartilhamentos de vídeos como o youtube e nos bailes funks feito principalmente por jovens de classe popular.

1.2 A JUVENTUDE POPULAR MOSTRA SUA CARA: IGUAIS E DIFERENTES.

Segundo o dicionário Aurélio ser jovem é relativo à juventude ou a quem está na juventude; que existe há pouco tempo; que ou quem tem pouca idade; que ainda não é adulto; que ou quem está na juventude.

Ao perguntar o que significa, hoje, ser jovem, verificamos que a sociedade que responde ser o futuro incerto ou não saber como construí-lo está dizendo aos jovens não apenas que há pouco lugar para eles. Está respondendo a si mesma que tem pouca capacidade, por assim dizer, de rejuvenescer-se, de escutar os que poderiam mudá-la. (CANCLINI, 2015, p 210)

O número de jovens atingiu, na última década, um recorde no Brasil. São mais de 50 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos de acordo com a UNICEF, mais de um terço da população do país. Isso é fruto de um fenômeno chamado pelos demógrafos de “onda jovem”, iniciada em 2003 e que deve perdurar até meados da próxima década.

Esses jovens cresceram durante uma época de intensas transformações sociais, econômicas e tecnológicas no Brasil e no mundo. E aprenderam a se comunicar de uma forma diferente da geração dos seus pais, e principalmente a funcionar em rede, seja com seus amigos, na escola, na rua, na praça, no play do prédio, ou até mesmo, na rede chamada internet. Acreditando sempre em uma melhoria esses jovens de comunidades carentes aprenderam a funcionar em rede, estabelecendo assim relações de amizades, configurações de grupos – bondes – e engajamento dos mais variados assuntos².

As principais mudanças ligadas à juventude estão associadas principalmente a tecnologia, as inovações tecnológicas fazem parte dessa geração nascida depois dos anos 1980. Para esses seres digitais são outras as formas de sociabilização, as maneiras de se comunicar e esta no mundo. Esse jovem é criador e potente! Inventa um novo espaço tempo, um novo lugar para estarem inseridos e se reconhecerem em seus territórios.

Ao falar de juventude, a sociedade projeta suas expectativas e temores. E, assim, nesse tema é comum tomar a parte pelo todo, isso é generalizar a partir das experiências de um segmento juvenil. Ou por outro lado, por meio de estatísticas, deixando-se de lado a riqueza de trajetórias juvenis inovadoras como, por exemplo, o Passinho, tema deste trabalho.

A juventude das favelas cariocas tem algumas especificações, em sua grande maioria nascidos de mães adolescentes, esses jovens cresceram em meio à política de extermínio de pobres que se volta prioritariamente para jovens e pretos, habitantes de favelas. Não por acaso é o mesmo perfil sociológico da maioria do quase meio milhão de encarcerados que habitam as infectas prisões brasileiras. (FACINA, 2009)

“Eu só quero é ser feliz”: quem é a juventude funkeira no Rio de Janeiro?

²Cf. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/02/agenda-juventudebrasil.epub/view>>
Acesso em: 23 de Abr. 2016.

Para as novas gerações que nasceram na época da internet os tempos são outros, diferentes daqueles que somente tinha acesso televisivo. Hoje com a expansão do acesso de dados pelo celular a juventude tem em mãos o domínio dessa rede, fazendo uso e construindo uma nova maneira de produzir cultura e conteúdo.

Há uma grande disparidade entre os informatizados e os que não são, tendo na rede a possibilidade de formação com cursos e tutoriais, o que não se sabe pode-se aprender. Nesse caminho, criados de forma independente diversos produtores culturais nasceram nas favelas e periferias, desde os dançarinos até mesmo os que não sabem dançar, aprenderam a contribuir de alguma forma com o movimento. Quem não dança, filma e edita os vídeos, convida dançarinos de outras localidades para participarem dos vídeos, promove encontros de passinhos, criam peças gráficas para divulgação e fazem shows de forma independente.



Figura 1: Bonde de passinho Os Fabulosos³

E dessa maneira os jovens vêm criando suas trajetórias de fazedores, nessa pesquisa passarei a observar os meios de produção que os jovens vêm utilizando para se expressarem em suas comunidades. Entendendo esta como uma nova manifestação cultural brasileira e com fortes indícios de permanência da mesma como expressão cultural. Os dançarinos se transformaram em celebridades, que fazem seus próprios eventos, shows, gravam seus vídeos e clips e criam suas peças gráficas para a divulgação dos seus encontros como, por exemplo, os que acontecem em Madureira.

³Fonte: <https://web.facebook.com/fabulosos/photos/a.822767731181973.1073741828.804602646331815/855948974530515/?type=3&theater> Acesso em 13/08/2016

Há uma forma popular e comunitária, uma comunicação do povo para o povo, direta, eles criam pensando no público que os seguem pelas redes sociais e veem seus vídeos no youtube, o que chamo de produção orgânica. Muitas vezes este modo de fazer não é identificado pelo próprio grupo que a pratica como um meio de produção cultural.

Os eventos como os encontros de bondes e de rádios comunitárias são exemplos. Sem mesmo nenhuma noção de organização o passinho foi criado e se encontra em constante evolução, resenhas, festas, encontros de dançarinos, duelos, batalhas, tudo vai parar na internet como meio de divulgar o que vem sendo lançado pelos dançarinos. Os encontros de bondes, são “reuniões”, com caráter de empresa onde gerente e líderes de bondes promovem seleções para decidirem quem entra ou não no bonde. Dessa forma os encontros são divulgados com antecedência convidando dançarinos de todas as partes do Rio de Janeiro a participarem. Geralmente esses encontros acontecem em Caxias, Bangu, Campo Grande, Nova Iguaçu, mais o maior deles são em Madureira por ter um parque e um shopping e ficar numa região central para os dançarinos, que na maioria das vezes se deslocam usando apenas uma condução, mesmo morando nas diversas comunidades do Rio de Janeiro. Algumas rádios comunitárias, como a Revolta Funk, com mais de 60 mil seguidores em sua página no facebook, costumam participar desse tipo de evento, sendo uma espécie de apoio divulgando na programação, fazendo alguns sorteios, fotografando e fazendo vídeos.

Os dançarinos que frequentam esse tipo de encontro são aqueles que desejam participar de algum bonde, os bondes como mencionei são grupo de jovens que tem uma identificação no nome e que têm nos seus grupos os melhores dançarinos, não é um grupo fechado, por isso de vez em quando há esses encontros para a entrada de novos componentes, bondes como OS Fabulosos, Os Dancy, Os Fantásticos do Passinho, Os Mega Dancy, Os Injeta, Os Titãs, Os Elites, Os Pura Envolvência e Os Elites são alguns dos mais famosos não só na internet como nos encontros. Muitos fãs vão a esses tipos de eventos para verem de perto e conhecerem pessoalmente esses dançarinos, tirarem fotos, pegarem autógrafos, aprendem novos passos e principalmente ficam por dentro das novidades de quem tá surgindo na cena.

Os encontros chegam a reunir cerca de até 1000 dançarinos e simpatizantes, causando um grande alvoroço em quem passa e não sabe do que se trata. Uma molecada na sua maioria negra, de cabelos arrumados, bem cortados e lançando moda ou nos seus *blacks* modelados para o alto, meninas de shortinhos colados e barrigas de fora e meninos com seus blusões de time ou de basquete, calça *skinny*, ou *saruel* tomam conta da lateral do shopping Madureira ou de parte do Parque de Madureira.

A divulgação e mobilização feita *on line* é para esse público específico que acompanha cada passo dos dançarinos, as filipetas criadas deixam claro quem é que consome esse produto. Letras em caixa altas, muitas informações, muitas cores são quase que obrigatórios. Os próprios dançarinos que criam esses *flies*, não fizeram curso e muito menos sabem mexer em programas como Corel ou Photoshop, mas com o que sabem produzem.

Imagens⁴:



Figura 3



Figura 2

⁴ Figura2: Acesso em 27/09 >

<https://web.facebook.com/MadureiraEncontros/photos/t.100001941521448/726909023996976/?type=3&theater>

Figura3: Acesso em 27/09 >>

<https://web.facebook.com/photo.php?fbid=431920700215977&set=a.214019478672768.50326.100001941521448&type=3&theater>

Figura4: Acesso em 27/09 >>

<https://web.facebook.com/photo.php?fbid=432287120179335&set=a.214019478672768.50326.100001941521448&type=3&theater>

Figura5: Acesso em 27/09 >>

<https://web.facebook.com/photo.php?fbid=530062200401826&set=a.214019478672768.50326.100001941521448&type=3&theater>

Figura6: Acesso em 27/09 >>

<https://web.facebook.com/photo.php?fbid=461468557261191&set=a.214019478672768.50326.100001941521448&type=3&theater>



Figura 5



Figura 4



Figura 6

Como afirma Regina Novaes (2014, p.8), doutora e antropóloga “As vivências juvenis de hoje expressam processos sociais em curso, inconclusos”. Para quem nasceu depois da década de 80 são outras as formas de socialização, as maneiras de se comunicar e de estar no mundo. Desse modo vale ressaltar que o passinho surge em 2004 num cenário de brincadeiras nos bailes, sendo assim as transformações culturais e tecnológicas e as novas formas de mobilização e vivências que atingem a atual geração passam a ser exposto em vídeos como o “Passinho Foda” gravado em 2008 num churrasco com uma câmera de 5MP, de forma despretensiosa se torna viral na internet, três moleques de chinelo e bermudas improvisam uma dancinha num churrasco.

O som é um funk, mas a dança é diferente. Remexem os quadris, fazem passos de frevo, ficam na ponta do pé, rodopiam e balançam a bundinha com trejeitos femininos. Centenas de

meninos e meninas das favelas do Rio entraram na onda e uma nova moda apareceu, a dança do passinho do menor, passinho da favela, ou simplesmente passinho, para os mais chegados.

Cabe dizer que nessa época existe um grande crescimento de *lan houses* em todo o Estado do Rio de Janeiro, segundo o advogado Antônio Carvalho Cabral que integra a equipe que está à frente de uma pesquisa bastante interessante: o universo das *lan houses* de cinco comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro. São elas: Rocinha, Manguinhos, Jacarezinho, Antares e Vila Paciência a principal função das *lan houses* é possibilitar a inclusão digital de uma população carente sem condições de acessar computadores e a internet de outras formas. Tamanho é essa revolução que, em 2005, dentre todos os acessos a internet no Brasil, apenas 18% eram feitos por meio das *lan houses*. Em 2006, esse percentual cresceu para 30%.

E, em 2007, chegamos a 49%. E o mais interessante: quanto menor a renda e menor a faixa etária, maior o índice de acessos por meio das *lan houses*, o que demonstra claramente a importância delas como fenômeno de inclusão digital no Brasil. Esses números são fruto de um estudo realizado pelo CETIC (Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação) e foram constatados, ainda de forma mais acentuada, nas pesquisas de campo que foram realizadas.

Na Rocinha, existem cerca de 100 *lan houses* em funcionamento, sendo uma verdadeira febre entre os jovens da comunidade. Em Jacarezinho, existem cerca de 40. E em Manguinhos, cerca de 60. Em Antares, comunidade carente da Zona Oeste do Rio, há sete *lan houses*, todas fruto do esforço de um jovem morador da comunidade, o Anderson, que, apesar de sua origem humilde, aprendeu a montar computadores e a fazer manutenção dos mesmos.

Vila Paciência foi à única comunidade sem *lan houses*, mas mesmo nesse caso os jovens acessam a internet nas *lan houses* existentes na comunidade de Ponte Quebrada, que fica a cerca de 1 km. E principalmente a missão do governo em expandir o acesso à internet por meio de políticas de acesso ao computador, barateando e financiando para pessoas de baixa renda e assistidos pela bolsa família pudessem adquirir. Dessa forma uma abertura para o acesso a internet estava chegando aos poucos para essa juventude inquieta e sedenta por descobrir o mundo. (CETIC – Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação)

As *lan houses* eram e ainda é hoje em pequena escala onde esses jovens postavam seus vídeos, vídeos esses gravados na maioria das vezes despreziosamente em algum lugar, que poderia variar, como a sala, a laje, a rua, a praça. Combinado também via internet esses encontros para gravação de vídeos já era uma forma dessa juventude se organizar enquanto movimento. Uma vez que nem todos os dançarinos tinham câmera ou celular com câmera para gravação dos vídeos, uma maneira de se articularem era a internet nas *lan houses*. Desse modo

pode-se afirmar que o passinho “[...] é o primeiro produto estético da era das Lan Houses [...]”⁵(Julio Ludemir, 2013)

Jovem livre, com direitos a oportunidades de criação e de errância. Antes estigmatizado, com a imagem associada ao crime e a partir da criação artística há uma, valorização que se mostra passível de críticas. (antes socialmente era apenas consumidor e a partir da produção do funk se torna autor do seu discurso e obra).

As perspectivas hegemônicas estabeleceram que nas comunidades e bairros populares houvesse delinquente, vadios ou trabalhadores, mas não movimentos juvenis. “Este fato nos mostra outra dimensão de análise das representações dominantes sobre a juventude: sua condição seletiva” (ARCE, 1999, p. 139)⁶

Hoje essas lan houses deram espaço quase que na sua totalidade as barbearias nas áreas periféricas da cidade. Com acesso a internet de uma forma mais individual e ao alcance da maioria da população, comerciantes e donos dessas lojas viram a mudança acontecer gradativamente, mas de uma forma rápida. Em torno de 10 anos o que era lan house se tornou barbearias que continuam servindo de cenário para os dançarinos de passinho, só que dessa vez preocupados com a aparência. Cortes de cabeça fazem literalmente a cabeça da galera, do disfarçado ao samurai, passando pelo black na régua e o riscado. Sem contar as sobrancelhas desenhadas e riscadas na maioria das vezes.

Essas transições dos espaços dão conta de que o passinho também evoluiu agora um novo momento se instala quando se tem menos produção de conteúdo para a internet e mais eventos “ao vivo” pra galera e compartilhamento de forma direta pelo whatsapp. E com isso muitos dançarinos passaram a se preocupar mais com a aparência e com o conhecimento procurando se especializar com professores de danças urbanas, ou aprendendo a escrever editais, a produzir eventos em suas comunidades, participar como jurados de batalhas e etc.

⁵ (LUDEMIR, Matéria Folha de São Paulo >> <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/106201-passinho-e-novo-fenomeno-cultural-do-rio.shtml> 2013.)

⁶ (ARCE, José Manuel Valenzuela. Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999. p. 139.

2. HISTÓRICO DAS GALERAS: *TRENZINHO, GALERAS E BONDES* - NASCE À PRODUÇÃO INDEPENDENTE DO FUNK.

Esse fenômeno cultural presente hoje nas comunidades cariocas é um fator fundamental para refletir sobre novas formas de produção da cultura independente, visto que, anteriormente, o jovem de favela não era o detentor dos meios de produção legitimados pela sociedade. O que demonstra uma alteração no discurso da mídia hegemônica sobre o Funk (FILHO E HERSCHMANN – 2003, pag. 139).

Os bailes eram territórios livres, ou seja, turmas de todos os lugares iam para curtir, o que muitas vezes ocasionava diversas brigas, pois em cada localidade o tráfico já ditava suas regras e assim os frequentadores dos bailes tomavam para si a identificação com o “seu lugar”, seu território. Muitas vezes ao chegarem aos bailes às galeras já entoavam seus gritos ficando evidente de onde era aquela turma, chegavam ônibus de diversos lugares como Cidade de Deus, Acari, Méier, Campinho, São Gonçalo, Niterói e outras localidades do Rio de Janeiro. O cenário que se instalava no baile era de uma bomba relógio a ponto de explodir há qualquer momento.

Segundo o pesquisador Marcelo Gularte (2014), no início dos anos 80, os bailes eram marcados pelas “turmas”, como a do bate-bola, do balão ou dos surfistas de trem. Nos anos 1990, pelas galeras; havia as galeras “amigas” e “os alemão”. O “Uh, uh, vamos invadir!” era um grito de guerra que uma galera entoava do lado de fora do baile enquanto as rivais entravam. Os bailes de corredor surgem no início dos anos 1990 justamente para amenizar esta rivalidade entre as galeras, que dançavam em trezinchos, chamados de “mulas” (vem daí a expressão “mulão”). Como um “mulão” brigava com o outro, as galeras foram divididas nos bailes: de um lado, ficavam as do “Lado A” (quem “fechava” com algumas comunidades). Do outro, a galera do “Lado B”. No meio, o corredor ficava livre.

Para conter as constantes brigas que existiam entre as turmas os donos das equipes tentaram primeiramente criar um sistema de premiação para as turmas que fossem mais animadas e que menos brigassem nos bailes. As turmas então inventavam seus nomes, faziam suas listas com os nomes dos integrantes e entregava para o discotecário que comandava o baile. Apareciam diversas lista umas das maiores que se tem notícia foi a do pessoal do Morro do Estado, com aproximadamente 50 integrantes, como diz Dj Marlboro que fazia o baile no Canto do Rio.

As turmas que saíam juntas para os bailes em sua grande maioria moravam em uma mesma localidade, essa identificação com o território ficada ainda mais evidente, quando chegavam aos bailes e entoavam o grito das suas comunidades em um único coro.

Existem turmas de dançarinos muito unidos, moradores de um mesmo bairro ou de uma mesma rua que atuam na pista de dança como torcidas de futebol no Maracanã. Cada turma tem o seu refrão e uma compete com a outra pelas coreografias mais bonitas. (Viana, 1987, p. 104).

Trenzinhos são várias pessoas dançando uma atrás da outra formando uma fila, para passear pelo baile, em uma corrida que seguia o “batidão” do funk, cada galera tinha o seu momento, não se faziam dois trezinhos ao mesmo tempo, respeitava o que estava fazendo a sua coreografia. Sem falar que existia o mito de que as meninas engravidavam nos bailes, sendo que no baile tem muita “sarração”, algumas vão ao funk sem calcinha, outras tiram a roupa, mas o trezinho não é sexo, portanto não tem essa de engravidar. Ora o erotismo e o humor escrachado – a classe média goste ou não é parte da cultura e dos estilos de vida populares.

O funk como outras manifestações da cultura popular, não é, e nem nunca foi politicamente correto. Quanto a notícias de adolescentes que supostamente engravidaram nos bailes, vale registrar que esse tipo de argumentação só faz sentido para aqueles que conhecem a realidade das periferias e favelas brasileiras como diz o autor Micael Herschmann (2012) em seu livro - As culturas jovens como objeto de fascínio e repúdio na mídia. Essa repercussão das meninas grávidas gerou diversas matérias em jornais de grande circulação vinculando diretamente ao funk esse episódio. Alguns títulos dessas matérias davam a entender que o conteúdo das letras e a erotização das danças era uma apologia ao sexo e estava incentivando as adolescentes a praticarem sexo nos bailes. Então as autoridades passaram a condenar esses bailes e esses tipos de comportamentos.

Antes mesmo de chegarem aos bailes já existia uma “pré-produção” para o grande dia – dia de baile – os jovens começavam uma preparação de cuidar dos cabelos, das roupas, do tênis, de avisar aos amigos e de marcar com o ônibus que os levariam para o baile, muitas das vezes distante de suas comunidades e quando não iam em direção a bailes realizados em outras cidades, como Niterói (Baile do Canto do Rio) e São Gonçalo (Nos clubes Mauá e Tamoio).

2.1.UM PASSINHO NA MODA DOS ANOS 90 E ANOS 2000.

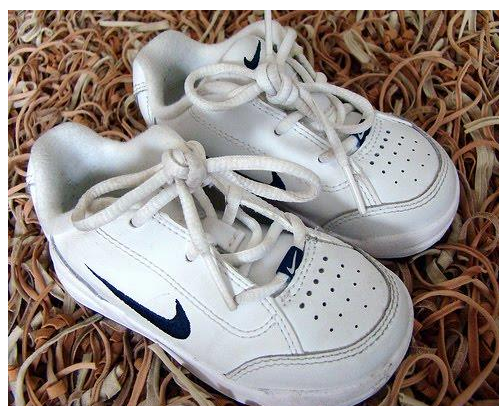
No cabelo trancinhas e cachos ou os famosos enroladinhos (com Neutrox ou Kollene, marcas de cremes de cabelo, que era acessível à população de baixa renda) faziam a cabeça da

galera. Hoje um corte disfarçado, bem alinhado ou como os moleques dizem: “na régua”, é o que predomina nas favelas cariocas. As barbearias vivem lotadas de moleques que cortam seus cabelos semanalmente para frequentarem os bailes funks aos finais de semana, assim como era na década de 80/90.

Hoje além do cabelo, as sobrancelhas merecem destaque, se antes era algo exclusivamente das mulheres, hoje essa vaidade já não tem fronteiras, é quase um ritual, aguardar por horas na fila chegar sua vez, escolher o corte que vai “lançar” no baile – e aí entra a expectativa de mandar um corte único, descolado e que ninguém tenha igual, cortar o cabelo, às vezes pintar o cabelo com Heena, fazer luzes ou platinar os fios e depois fazer as sobrancelhas, com duas risca na lateral. Como podemos ver no exemplo abaixo com os Mcs Pedrinho e Brinquedo.

Moda esta ditada na favela que percorre as redes sociais e atinge diretamente a juventude, causando uma identificação com o que é apresentado. Desde que o funk começou no Rio de Janeiro, existe uma forma específica de se vestir que foi atravessando a moda, mas o tênis símbolo maior da juventude ganha destaque. Na década de 80/90 as marcas Reebok e Nike eram as preferidas, assim como as camisas de times que ganhavam destaques nos bailes. Hoje a juventude prefere exclusivamente tênis das marcas Adidas e Nike.

Tênis Rebook e Nike⁷:



Cabelos⁸:

⁷ Disponível em: <<http://migre.me/wxxk6>> acesso em 27 jan. 2016. E Disponível em: <<http://migre.me/wxxlz>> Acesso em 27 out. 2016.

⁸ Disponível em < <http://migre.me/wxxmB> > Acesso em 12 jan.2016



Canudinhos como Kollene ou Neutrox



Canudinhos como Kollene ou Neutrox



Disfarçado na régua



Disfarçado na régua

Sombrancelhas⁹:



Mc Pedrinho



Mc Brinquedo

Roupas:

⁹ Disponível em < <http://migre.me/wxxmB> > Acesso em 12 jan.2016

Se na década de 80, os jovens usavam predominantemente camisas de times, bermudas do verão carioca e imitações de bonés americanos, as meninas faziam uso de blusas curtas que deixavam a mostra parte da barriga (hoje chamadas de *crooped*), bermudas que valorizavam as curvas e tênis assim como os meninos.

Essa identificação era muito própria dos funkeiros, semanalmente de quarta a domingo dias de baile, era possível ver muitos andando com suas galeras trajando tais vestimentas. Hoje não é muito diferente no que diz respeito às roupas, a juventude das favelas tem uma sagacidade impecável para criar seus estilos e usufruir do seu lazer.

2.2. OS PRIMEIROS BONDES.

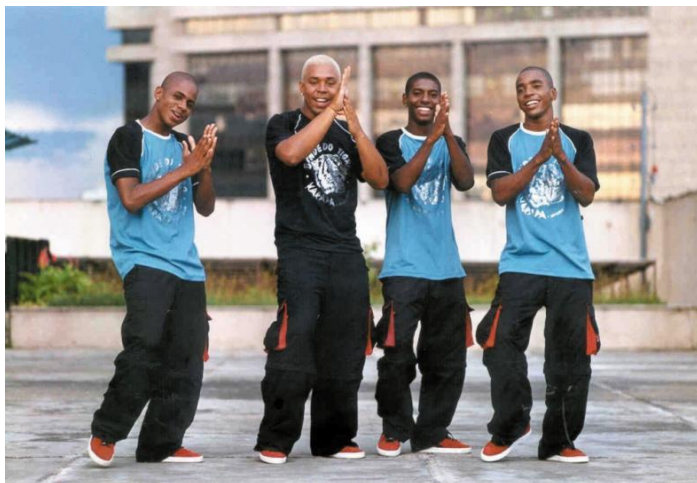
Segundo o dicionário de significados, bonde é uma gíria usada nos bairros da periferia, especialmente no Rio de Janeiro, e serve para designar grupos de amigos que estão sempre juntos, além de ser um termo muito utilizado em letras de funk e nomes, como por exemplo, grupos como Bonde do Tigrão, Bonde do Funk e Bonde do Vinho.

As pessoas tornam-se conhecidas por serem membros de um determinado bonde, e geralmente há rixas entre eles. Tendo como herança do Axé os primeiros nomes do funk coreografado foram os bondes do tigrão e bonde do vinho, foram os primeiros homens a dançarem com essa formação de bondes formados na década de 90 que fez muito sucessos com as coreografias criadas para os shows. Essa formação geralmente de quatro integrantes, promovia shows e coreografias sensuais que levavam a loucuras o público nos seus shows.

O bonde do Tigrão o bonde mais conhecido dessa época usava o duplo sentido através de palavras infantis e coreografias fáceis, o grupo conquistou fãs de todas as idades, desde os maliciosos aos mais inocentes. Os meninos ficaram tão conhecidos que era comum ouvir seus funks nas rádios, em festas ou na boca do povo. Apesar de terem estourado com "Cerol na mão", também merecem destaque "Malha funk", "Só um tapinha não dói", "O baile todo", "Me usa", "Tchutchuca treme treme" e "Vai de tudão".

Suas roupas iguais também fazia parte do conjunto da obra, só com destaque para quem cantava, assim como as coreografias sincronizadas. A primeira formação composta por Leandrinho, Thiaguinho, Vaguinho e Gustavo venderam 250 mil cópias e receberam disco de platina. Falando de funk isso é realmente um sucesso, mas que isso era um bonde, ou seja, existia aí não somente o elemento da musicalidade mais a dança e essa forma de dançar tão próxima ao que vemos hoje com o passinho que nos remete a esse tipo de formação.

Hoje à frente do bonde, Leandrinho, Góia e Tigre, mostram a maturidade acumulada ao longo dos anos, e conservam a mesma emoção de 1999, quando sem grandes pretensões, resolveram passar cerol na mão e fizeram o baile todo, ou melhor, o país todo, reconhecer a força de *tchutchucas* e prisioneiras.



Bonde do Tigrão¹⁰

2.3. PRODUÇÃO CULTURAL INDEPENDENTE DO FUNK – DANÇARINOS PRODUTORES.

O Funk não é modismo, é uma necessidade, é pra calar os gemidos, que existem nessa cidade. (Bob Rum - 2003).

A palavra produção pode significar coisa produzida naturalmente ou pelo trabalho, obra literária ou artística ou ato ou efeito de produzir. A palavra cultural é referente à cultura. Sendo assim quando falamos sobre a produção cultural independente, estamos querendo dizer que mesmo que sem patrocínios ou apoios, ou até mesmo sem formação na área, eventos e produções são criados por jovens dançarinos de passinho que simplesmente criam seus espaços de fala, agora que em outro lugar de criação e não somente na dança.

Esses jovens que sua grande maioria residente nas comunidades periféricas do Rio de Janeiro tem buscado apoio e espaços para seu desenvolvimento através de ações juntos com outros jovens da cidade. A circulação para participar de diversos eventos, produzidos por diferentes produtores da cidade contribuiu para que esses jovens criadores também pudessem expressar e criar seus próprios eventos.

¹⁰ Disponível em: < <http://migre.me/wxxwb> > Acesso em 12 jan.2016.

Sendo praticamente tomado por favelas, o bairro de Manguinhos é palco de inúmeros confrontos armados entre policiais e traficantes de drogas ou entre quadrilhas de traficantes rivais. Situado na zona norte do Rio, o bairro tem diversos dançarinos de passinhos espalhados por toda a comunidade, tomamos como exemplo o bonde Imperadores da Dança, um dos primeiros bondes de passinho os IDD, formados por dançarinos da área e de outras comunidades da cidade. Com quase 50 dançarinos no bonde e sem espaço pra ensaiar, a dupla Badalado e 25 formada pelos amigos Willian e Isaque são linha de frente quando se fala em produção cultural independente em Manguinhos, eles deram início a uma geração que não se contenta em apenas participar dos eventos como coadjuvantes, e sim como protagonistas das suas criações para além da dança.

A falta de recurso e de formação eram os principais empecilhos para que isso viesse a acontecer. A boa vontade e a sagacidade desses jovens fizeram com que atravessassem fronteiras a fim de buscarem reconhecimentos nos seus discursos e vivências. Com a necessidade de ter um espaço para ensaiar, fizeram contato com a direção do CRJ – Centro de Referência da Juventude, para que pudessem utilizar o espaço semanalmente para os ensaios de passinho.

Dando início ao diálogo com os diretores e representantes do espaço, os dançarinos começaram a utilização e apropriação do lugar. Os ensaios acontecem semanalmente às quintas-feiras sempre às 17h. Produzir os ensaios, mobilizar os jovens, receber interessados em fazer parte do bonde, receber jornalistas, mídia em geral e pesquisadores virou quase que rotina desses produtores dançarinos.

Com a legitimação desse lugar de fala os dançarinos puderam alcançar voos ainda maiores em relação a produção, sendo convidados a fazerem parcerias com o Eu Amo Baile Funk produzindo assim os Desafios do Museu e do Metrô ambos antecederam as edições de 2015 e 2016 do Rio Parada Funk, evento que acontece anualmente para celebrar o funk, participações em filmes como o Tô Rica e o Minha mãe é uma Peça 2, participado de mesas e debates sobre o funk e o passinho e como fruto desse trabalho e parcerias escrito projetos para os editais de dança tendo aprovado dois projetos no ano de 2016.

Esse novo cenário nos traz a tona à questão do tempo e das possibilidades que a juventude tem tido. Se pensarmos como essa juventude tem acesso e tempo ocioso o que de fato nos leva a acreditar em uma problemática para a juventude. Os jovens de comunidades são diferentes dos jovens da Zona Sul, uns tem a possibilidade de ter seu tempo gerido pela família, com atividades como inglês, judô, praia, aulas de música dentre outros e o jovem de comunidade que tem o seu tempo ocioso acaba tendo que procurar outros caminhos e um deles de certo

modo acaba sendo a dança por não fazer uso de nenhum equipamento além do corpo. Essas diferenças quer nos dizer que o jovem que tem possibilidades de criação amparadas pela família tem 10 vezes mais chances de serem bem sucedidos em quaisquer coisas que queiram fazer.

A produção cultural independente do passinho tem possibilitado novos rumos para dançarinos que antes só tinham a dança como caminho, tomo aqui como exemplo a Batalha de Titãs II, evento criado pelo dançarino Michel Souza de 24 anos, da Cidade de Deus, que ocorreu no ultimo sábado dia 13 de maio de 2017, no palco do Badalo na Rocinha, maior favela da América Latina. Contemplados no edital da Agenda Funk da Secretária de Cultura do Rio de Janeiro no valor de 10 mil reais e tendo apoio do studio Ked8 produtora da Rocinha que contribuiu com camisas e banners e da NaturArte produtora de São Paulo, do Rodrigo Vieira, que vem a ser o diretor da companhia de dança Clássicos do Passinho.

A escolha da Rocinha, também não foi por acaso, situada na zona sul do Rio a comunidade abriga inúmeros dançarinos de passinho e dentre eles o Pablinho, dançarino de passinho a mais de 10 anos e integrante do grupo Dream Team do Passinho. Escolhido pelo Michel como apresentador para a batalha de titãs, por ser cria da comunidade e ser bastante conhecido na área, foi peça fundamental para que a mobilização dos dançarinos participantes de fato fosse concluída com sucesso.

Toda a organização da batalha foi administrada pelo dançarino Michel, tido como relíquia (dançarinos mais antigos do movimento) do passinho, convidando outros dançarinos relíquias para participarem como jurados, foram eles Celly, Jackson e Weldel Acerola. A performance que ocorreu nada deixou a desejar de eventos anteriores organizados por outros produtores renomados do circuito cultural do Rio de Janeiro. Sobre isso o Michel Souza em entrevista nos diz que:

É muito importante pra mim como dançarino tá fazendo essa batalha e colocando outros dançarinos pra participarem do outro lado Por que antes eu lutava pra participar das batalhas e nem sempre ganhava, porque os jurados não estavam julgando a dança em si e sim as gracinhas dos participantes. Se o moleque era mais novo e competia com um mais velho e se mandasse uma palhaçada qualquer os jurados já gostavam e votavam nele. Hoje são diferentes, aqui os jurados por serem dançarinos, conhecem os passos da dança e vão julgar por isso e não por qualquer coisa. Mas eu entendo que antes faziam isso de chamar gente famosa pra divulgar mais a batalha e ficar conhecido. Mas hoje o passinho já é conhecido e podemos fazer nossas próprias batalhas.

É importante ressaltar que todos os organizadores, assim como jurados, apresentador e ganhadores da batalha receberam cachê. O produtor e dançarino Michel recebeu 600 reais pelo seu trabalho e mobilização, os jurados receberam algo em torno de 150 reais pela sua

participação cada um, já o apresentador também dançarino e morador da comunidade recebeu 150 reais e o primeiro lugar ganhou 1.300 reais e o segundo lugar 200 reais. Contaram ainda com um camarim improvisado atrás do palco e ofereceram bebidas.

Os dois ganhadores da Batalha de Titãs II foram o Albert Oliveira, mas conhecido como PQD Mega Dancy, de 23 anos e o André Oliveira de 18 anos, conhecido por DB, ambos fazem parte da companhia de dança Passinho Carioca, projeto desenvolvido pelo fotógrafo formado pela CUFA – (Central única das Favelas) Thiago de Paula, que deu início como uma exposição fotográfica chamada Passinho Carioca: Registro de uma História, que retratava alguns dançarinos de diversas comunidades em suas apresentações artísticas de passinho.

O grupo foi formado através de uma chamada pública no *facebook*, onde quem tivesse interesse e quisesse participar poderia se inscrever, já formada a Cia se uniram para levar a exposição seguida de algumas pequenas apresentações de dança para espaços como centros culturais, teatros, praças e escolas. Passando assim a se encontrarem com certa regularidade, formando hoje o que de fato vem a ser a companhia de dança, que visa fortalecer o movimento do Passinho integrando jovens de diferentes comunidades.

A companhia Passinho Carioca é a primeira companhia de passinho a ganhar o edital de residência artística no Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, situada na Tijuca. Tendo sido também contemplados por outros dois editais, sendo eles o Agenda Funk no valor de 10 mil, para a montagem de um espetáculo e o PAT – Plano de autonomia territorial do Caminho Melhor Jovem do Governo do Estado do Rio de Janeiro no valor de 15 mil reais para a criação de oficinas, batalhas e criar parcerias. E assim vem ganhando espaço no meio artístico, se consolidando por meio das redes sociais e das suas apresentações em espaços legitimados.

3. ANÁLISE DOS BONDES DE PASSINHO

Neste capítulo faremos uma análise de três bondes de passinho, que foram escolhidos pelos seus níveis de produções diferentes. Os *Fabulosos*, bonde de passinho de Queimados, município do Rio de Janeiro, que trabalham de forma totalmente independente, Bonde do

passinho de Madureira que tem assessoria da produtora de médio porte, Lado Esquerdo e do grupo *Dream Team* do Passinho com assessoria da produtora intitulada, Toca produções.

3.1 OS FABULLOSOS



Os Fabulosos¹¹

Segundo descrição na página do bonde no facebook¹², os *Fabulosos* são um bonde de passinho formado em 2012 por jovens da baixada fluminense do Rio de Janeiro. Idealizado por Cl Fabuloso, Gn Fabuloso, Dg Fabuloso e Leony Fabuloso o grupo tem criado sua trajetória de forma independente, desde a sua criação artística até seus shows.

Com quatro anos de estrada o bonde criou sua identidade própria a fim de ter sua criação no meio do funk, representados por coreografias ensaiadas semanalmente, assim como seus clips dirigidos, produzidas, marcadas de forma totalmente independentes. Na sua criação o próprio bonde por meio de entrevista deixa claro essa liberdade de criação que buscam em seus passinhos.

A produção é feita em termos coreográficos por nós mesmos, é feito em um quarto qualquer, a gente mesmo cria, inventa, pegando alguns movimentos já existentes pra poder fazer e se aperfeiçoando, criando coisas diferentes, música a gente não tem música específica, a gente dança qualquer música que tem um tambor forte, que tem uma batida envolvente. (Leony 2016- Bonde dos Fabulosos: Entrevista nos Anexos)

¹¹ Disponível em: < <http://migre.me/wxy2P> > Acesso em 12 jan.2016

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/OsFabulosos/>> Acesso em 29 Maio, 2017.

Em sua página no facebook, atualmente com 15.098 *likes*, o bonde interage com os fãs, criam enquetes, compartilham seus vídeos, publicam assuntos relacionados à juventude como a moda das roupas de marca, vídeos engraçados, os últimos lançamentos de funk, encontros com o grupo e principalmente como meio de contato para shows e eventos.

Em uma análise de um dos clipes criado e produzidos pelos dançarinos do Bonde Os Fabulosos, o nome da música é “Joga pra Trás”, lançada há dois anos e com 26.826 visualizações no *youtube* o vídeo foi filmado em parceria com comerciantes do território que moram os integrantes do bonde, em Queimados, são eles Xande studio móvel, salão do Zorran, paulada e mec festas produções, Paradiso Club, Toninho motos, S.A distribuidora de bebidas, JK segurança eletrônica, Borracharia e lava-jato Nem do brejo e Complexidade Urbana.

O clip é gravado em um club aquático, com a presença de garotas de biquíni dançando de forma sensual e fazendo jus à música de jogar para trás o bumbum, participação por meio de convite e aceito de forma voluntária. O clip foi entregue ao grupo em material bruto, com mais de 1 hora de gravação, pelo parceiro Xande. Sobre a produção do clip o Leony, integrante do bonde deixa claro que:

Não tem uma pessoa de frente para ajudar a gente em coreografia essas coisas. Administração é tudo a gente mesmo que faz, escolhemos os nossos figurinos, a gente cria os nossos passos, a gente faz as nossas músicas, eu mesmo sou Mc, além disso, sou produtor do grupo, eu faço as produções musicais e me especializei em programas de Djs profissionais e hoje eu dia em consigo produzir. Figurino a gente mesmo vai à loja, escolhe a melhor roupa, estilo bacana. Além de fazer musica e passos a gente faz arte gráfica, edita fotos e inclusive o nosso segundo clipe “Joga pra Trás” foi nós mesmos que editamos, conseguimos um patrocinador pra filmar e o cara entregou na nossa mão mais de 1 hora de gravação, a gente mesmo conseguiu editar, colocamos em um programa e assim ficou uma coisa profissional e nem parece que foi amador. A produção Os Fabulosos e feita pelos Fabulosos.

O bonde, no entanto, elucida que preferem e gostam de trabalhar de forma independente, falam e criam para um grupo específico de jovens de comunidades como eles. Suas criações seguem essa linha, de se aproximar do público que curte o seu modo de dançar, suas coreografias, seu modo de vestir, seus cortes de cabelo e se espelham a fim de criar suas próprias identidades.

Com a liberdade de criação que o trabalho independente traz o alcance do bonde não atingiu o superestimado mercado da mídia. Mas ainda assim com o potencial que as redes sociais tem e com a popularização do passinho e dos seus bondes, o grupo já fez diversas

participações em programas televisivos, tais como Programa do Ratinho, Balanço Geral, Legendários, Encontro com Fátima Bernardes, entre outros. E com a participação em outros projetos, como por exemplo, o Na Batalha, companhia de teatro que levou o espetáculo para o palco do Teatro Municipal, os integrantes dos Fabulosos tiveram a oportunidade de levarem o passinho também para Nova York, potencializando ainda mais seus projetos pessoais. Hoje além de manterem o grupo, integram a companhia de dança #Passinho, que fez turnê por diversos teatros em São Paulo.

Em seu mais novo vídeo de lançamento “Novinha Sapeca”, 16.841 *likes* no *youtube*, com produção do Artista da Rua, produtora de vídeos do SanDiego Fernandes, podemos ver um avanço tecnológico com a qualidade da gravação, participações especiais e efeitos.

Por produzirem de forma independente além de dançarem, ensaiarem, criarem coreografias, cenários, editarem vídeos e fotos, os próprios dançarinos fecham os contratos dos seus shows, cobram cachê em média de 1.000 a 1.500 por apresentação no Rio de Janeiro e entre 2.000 a 3.000 fora do estado.

3.2. BONDE DO PASSINHO

O bonde do passinho, grupo formado por Cebolinha Mister Passista, Yuri Mister Passista, Susu Miss Passista e Celly Miss Passista, residentes em comunidades diferentes do Rio de Janeiro, é um bonde de passinho que conta em sua trajetória com um dos principais dançarinos do movimento o Cebolinha, que dança desde 2004, sendo um dos precursores desse movimento.

Na página do *Facebook* com 21.627 *likes*, o grupo compartilha sua agenda de shows, conteúdo relacionado à dança do passinho, eventos com participações em shows como o do Seu Jorge, programas televisivos, e workshops promovidos pelos dançarinos. Por ser um dos primeiros dançarinos de passinho o Cebolinha como é mais conhecido o jovem Jefferson Chaves de 26 anos, compreende que hoje o movimento Passinho está passando por uma etapa de profissionalização, na qual deixou de ser uma brincadeira nos bailes e passou a ser visto como trabalho. O Bonde do Passinho com cinco anos de carreira já passou por três formações, a primeira com a presença de um Mc e dois dançarinos no qual o Anderson Hadassa, Mc XXT como ficou conhecido no meio do passinho, criou o bonde, cantava e criava composições próprias das primeiras músicas de passinho.

Além do Mc XXT cantar no bonde, ele tinha uma função bem específica no início do passinho, que era a de editar os vídeos e inserir no *Youtube*. Sendo responsável pelo lançamento

de um dos primeiros vídeos com grande repercussão na internet, no vídeo Cebolinha desafia Jackson no chamado duelo, onde um dançarino marca de dançar com outro a fim de disputar na dança quem é o melhor. Uma vez lançada na rede esse vídeo passou a ser visualizado por milhares de jovens que através de comentários definiram quem de fato foi o ganhador do duelo de passinho.

Um das primeiras músicas de passinho foi a *Imperadores da Dança*, composição do Mc XXT, que veio a ser lançada na gravação do dvd do Seu Jorge e entrou no Cd, *Músicas para Churrasco* do mesmo artista. Depois vieram outras composições como *Envolvência e Quebradeira*, e, *Passinho da Paz*.

Hoje o Bonde do Passinho conta com a assessoria de uma produtora, a Lado Esquerdo produções, com a iniciativa da produtora o bonde decidiu assinar contrato ficando com 60% do cachê e contando com todo investimento que podem usufruiu, foi possível então lançar o 1º CD do grupo. Hoje o Bonde do Passinho tem recursos pra estúdio, aula de canto, academia pra ensaio, figurino, venda de shows, estrutura audiovisual. Hoje a formação é Cebolinha, Yuri, Marcelly e Suellen que integram o bonde e tem feitos inúmeros shows e ganhado popularidade nas redes assim também como participações em programas de televisão.

Vamos analisar o clip da música “Te ensinar meu Quadrado”, composição do Dj Vinimax e cantado pelo dançarino Cebolinha, gravado em duas parte uma em Nova York na Times Square, pela Osmose filmes, produtora que fez o filme a Batalha do Passinho e outra parte no Brasil no Flamengo com feat do Vinimax dj oficial da Batalha do Passinho e participações de dançarinos de passinhos como FB Imperador, Iguinho Imperador, Tinho Mister Passista, Victoria e Isabell Miss Passista. Com mais de 118.153 visualizações no Youtube do clip alavancou a carreira do Bonde do Passinho com a sua nova formação, fechando parcerias e assinando contrato com a produtora Lado Esquerdo.

A primeira parte do clip foi gravada no cruzamento mais famoso de Nova York, e na estação de metrô do Harlem com participação de dois dançarinos de passinho, ao redor inúmeras pessoas param para assistir o passinho, com roupas alegres e chamativas os dançarinos dançam seus passinhos coreografados com a música de trabalho do bonde. A segunda parte gravada em uma quadra no Aterro do Flamengo, conta com a participação dos outros integrantes do bonde e mais algumas participações de dançarinos convidados.

Com casacos amarrados na cintura para dar mais movimento aos passos as meninas dançam e fazem quadrado, uma espécie de deslocamento da cintura em quatro lados. Podemos perceber então que a dança é ritmada com a música que conta com o feat do dj que produziu a música. O clip contou com uma equipe de profissionais, tais como a direção de

Emílio Domingos, produção de Julia Mariano (ambos da Osmose Filmes), fotografia Julia Mariano e Daniel Neves, edição de Guilherme Schumann, finalização Pedro Dulci, assistente de direção Guilherme Ferraz e assistente de produção Luz Mariana.

Como já contam com assessoria de uma produtora o bonde do passinho retém 40% do cachê e os outros 60% ficam com a produtora que arca com todos os custos com transporte, alimentação e investimentos na carreira. No Rio de Janeiro cobram em média 1.500 a 2.000 por apresentações e fora do estado de 5.000 a 7.000 dependendo do evento. Desses 40% que ficam com o grupo são divididos igualmente entre os integrantes, ou seja, apenas 10% do valor chegam às mãos de cada dançarino.

3.3. DREAM TEAM DO PASSINHO

O grupo foi criado a partir de uma lógica de mercado, que até esse ponto não existia um grupo de passinho que se destacasse na mídia. Após as batalhas de passinhos ocorridas em 2011 e 2012, produtores se interessaram em criar dessa vez uma batalha que tivesse um viés mais comercial, e que atraísse mais pessoas e desse mais visibilidade para o movimento. A partir dessa perspectiva o diretor artístico da Rede Globo Rafael Dragaud, junto com o Mike idealizador das primeiras batalhas, firmou parceria para dar início ao projeto. Assim foi criado a Batalha do Passinho em 2014, passando por 16 comunidades, com semi-final no parque de Madureira e final no Caldeirão do Hulk, programa com enorme visibilidade na tv aberta.

A partir daí o passinho passava a ser conhecido mundialmente, nessa final da batalha o vencedor foi o dançarino Hiltinho de Nova Iguaçu, único integrante que compõe o Dream Team do Passinho. Os outros integrantes foram escolhidos pelos produtores por características bem específicas como, por exemplo, o Pablinho dançarino com enorme visibilidade em sua comunidade Rocinha, Lellezinha por ser menina, feminina, negra, com cabelo black, Breguete dançarino cujo passinho tem referência de Michel Jackson, Frevo, Samba e Capoeira e Mike que além de ser produtor e cantor e dançarino do grupo. Formado o grupo foi criada uma produtora Toca Produções, a toca é uma empresa no modelo Sistema B, são empresas que unem lucro e benefícios sociais, nesse sentido o Rafael Dragaud exemplifica,

A Toca Produções é um híbrido de ação social com entrega artística de alto nível e rendimento comercial. Nosso objetivo é pensar carreiras artísticas relevantes para a sociedade, com foco no talento da favela, sem jamais deixar de cuidar da construção de pessoas saudáveis com atenção na educação, e na saúde física e psicológica. Nós cuidamos de escola, pele, dente, curso de canto, dança, psicológico, mídia training, embasamento sobre questões sociais. (Trecho de entrevista concedida via facebook)

Ainda segundo o diretor, o grupo participa de todas as tomadas de decisões e reuniões, com contratantes e com a produção. Até mesmo a saída de dois integrantes da primeira formação foi debatida entre todos.

Na sua página no *facebook*¹³ com mais de 600 mil *likes*, gerida pela coordenadora de comunicação Debora Almeida, o grupo se define como gênero funk, pop, crazy. Nas redes sociais compartilham suas participações em programas televisivos, suas entrevistas, parcerias, trabalhos fotográficos e post relacionados a datas que tenham cunho social, racial e de gêneros, assim como homenagem a personalidades como Nelson Mandela. Segundo o Mike, vocalista e produtor do grupo sobre a produção do grupo, nos diz que:

Na verdade é uma produção que mantem a essência do passinho, mas a gente ousa experimentar tendências que estão fazendo diferença no cenário da música mundial como house, ragga, kuduro... (Trecho de entrevista concedida via facebook)

O grupo explodiu na mídia após fazer uma parceria com o cantor Rick Martin na música *Vida*, uma das canções oficiais da Copa do Mundo no Brasil, com mais de 3 milhões de visualizações no Youtube. Sendo assim analisaremos o vídeo *De ladin* que tem direção de Rafael Dragaus e Joana Swan, da Toca Produções e que foi lançado posteriormente a este momento.

Com faixa do disco *Aperta o Play*, cujo contrato com a Sony Music foi assinado em 2014, à música *De Ladim* foi lançada em 2015, sendo descrita como gênero pop no *Youtube* e fazendo parte da trilha da novela *A Regra do Jogo*.

Depois de inúmeras pesquisas realizadas pela diretora de produção Roberta Mello, foi definido que o clip seria gravado em um depósito de containers e que principalmente tivesse um horizonte com um céu bonito. E para aproveitar o recuo das paredes foi contratada uma empresa para fazer a projeção de *mapping*. No total foram 18 horas de gravação no Porto de cargas do Rio de Janeiro.

Na primeira parte do clip a voz do Mike dá vida ao seguinte texto:

Em cada cantinho do Rio de Janeiro tem um moleque de mola. Em cada esquina da cidade maravilhosa tem um moleque sinistro. Em cada viela de todas as comunidades do Estado existe um som: o funk. Todos os holofotes estão nesse movimento. Luz, câmera e ação. A nova geração

¹³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/DreamTeamdoPassinho/>> Acesso em 23 de Maio de 2016.

de funkeiros cariocas abençoa os antigos ‘um dois pra lá, um dos pra cá’. A coisa ficou mais séria do que imaginávamos. Estamos na era do quadrado e do rabiscado. Do sabará e da cruzada. Do corte do jaca, do divo, e da novinha. Agora nossos corações podem apertar, mas só de emoção, apertar apenas por pulsação da dança, apertar *o PLAY!*

Enquanto os dançarinos aparecem em caixas como se fossem bonecos, envoltos de plástico bolha, com a seguinte chancela Made in Favela, que ganham vida após o play da música. Com figurino patrocinado pelas marcas Blue Man e Adidas os dançarinos dançam e cantam, nos vocais Lellezinha, Pablinho e Mike. Com mais de onze milhões de visualizações no Youtube é o clip mais visto da carreira do grupo.

Contou com uma grande equipe de produção para ser realizado no set, como direção, direção de fotografia, assistentes de câmera, produção executiva, assistentes de direção, maquiadores, comunicação, coreógrafos, figurinistas, artes, eletricitas, assistentes de eletricitas, motorista e mapping.

O grupo atua profissionalmente desde 2015, fazendo inúmeros shows no Brasil e também fora do país. Contando com uma equipe de produção o acesso ao grupo é um tanto restrito no que diz respeito a informações sobre cachê, sendo assim fui orientada a solicitar essas informações sobre cachê, divisão da porcentagem e informações sobre a equipe via e-mail para a diretora Joana Swan que em sua resposta nos diz que o grupo atua em muitos formatos diferentes, então não existe um padrão de cachê - fazemos desde shows de graça em instituições sociais, hospitais, até participação em campanhas publicitárias de grandes marcas, festas em boates, bailes em comunidades, etc. Não temos um padrão. E que depois das despesas pagas, tudo é dividido igualmente entre os integrantes.

Na tabela abaixo podemos ver o resultado da análise em números das redes sociais e demais informações a respeito do cachê dos bondes de passinho. O método usado com os dançarinos dos bondes foi uma primeira abordagem por meio de mensagem na rede social facebook e whatsapp. Já na primeira abordagem o bonde Os Fabulosos, que figura como o bonde considerado independente, eles mesmo responderam as perguntas e informações solicitadas prontamente. Já o Bonde do Passinho, que conta com uma assessoria, não souberam especificar valores na primeira abordagem, conferindo assim um próximo contato com a assessoria por meio de mensagens no whatsapp que foi respondida cordialmente por uma das funcionárias da produtora. A abordagem com o grupo Dream Team do Passinho que conta com uma equipe de produção foi feita de maneira formal, via e-mail para a diretora, sendo

respondido um dia após o envio. Foi o único bonde que preferiu não especificar valores de eventos e shows por atuar em muitos formatos diferentes, não existe um padrão de cachê.

Análise em números dos Bondes de Passinho:

	Os Fabulosos	Bonde do Passinho	Dream Team do Passinho
Likes na página	15.090	21.707	654.903
Inscritos no canal	2.901	6.807	9.336
Cachê no Rio	1.000 à 1.500	1.500 à 2.000	*
Cachê fora do Rio	2.000 à 3.000	5.000 à 7.000	*
Clip com maior visualização	65.985 (Thuf Thuf)	118.372 (Te ensinar meu quadrado)	11.034.141 (De adin)
Seguidores Instagram	1.009	667	132.000
Porcentagem para cada integrante	25%	10%	*
Integrantes no grupo	4	4	5

* Valores não informados.

3.4. PESQUISA.

A fim de analisar em números o cenário encontrado atualmente no movimento cultural do Passinho, foi definida a realização de pesquisa de campo, enquanto metodologia, com cinquenta dançarinos, através de formulários criados na planilha FORMS do GOOGLE DRIVE. A escolha da plataforma se deve ao fato de ser online e disponibilizar um padrão de formulários onde as pessoas podem preencher e enviar diretamente por meio de um link e também a facilidade em gerar gráficos dessas respostas, que estão anexados neste trabalho monográfico.

A necessidade da pesquisa se deu pelo fato de não se ter dados quantitativos em relação a gênero, escolaridade, faixa etária, noções de produção, cursos e eventos produzidos pelos dançarinos. Devido essa lacuna foi imperiosa a realização da mesma para que houvesse um embasamento maior em relação aos resultados. Desse modo esta pesquisa e os dados quantitativos conquistados servirão de referência para os próximos discentes e todos aqueles interessados em realizar futuramente pesquisas sobre o tema.

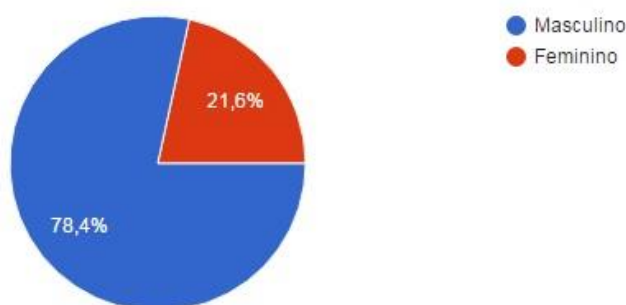
O público escolhido foram apenas os dançarinos de passinho – EM ATUAÇÃO, ficando excluídos os que dançam esporadicamente ou os que só dançam apenas para competir. No primeiro momento o link do formulário foi enviado por meio de mensagem no whatsapp para alguns dançarinos que tinham uma maior proximidade com o pesquisador.

A pesquisa foi realizada em três eventos: Batalha de Titãs na Rocinha; Ensaio dos Imperadores da dança em Mangueiras e 2º encontro de dancinha e Passinho que foi realizada em Alcântara. A abordagem foi feita de forma direta com os dançarinos e preenchida de forma individual no celular via smartphone.

Verificou-se, através da pesquisa, que 78,4% dos jovens dançarinos são do gênero masculino, e apenas 21,6% do gênero feminino. Como pode ser visto no gráfico abaixo:

1. Gênero

51 respostas



Isso nos mostra que o cenário é predominantemente de homens e que as mulheres por serem minorias, esbarram em questões de autoestima, aceitações por parte do público presente nos eventos de Passinho e, principalmente, pela questão da idade, onde a maioria das meninas que dança são menores.

Desses dançarinos, 56,9% são maiores de idade e dançam a mais de seis anos. Há maior parte dos dançarinos, que 68,6% não tem qualquer formação na área cultural, mas demonstram interesse em ter. Já 62,7% como constam no gráfico abaixo já produziu ou ajudou a produzir eventos de passinho explorando, assim, não somente a arte da dança, mas também outras aptidões necessárias para a execução dos eventos.

CONCLUSÃO

A partir da análise do presente trabalho e pesquisas realizadas para tal, pode-se levantar algumas questões e trazer a tona reflexões sobre as formas de produção, seu desenvolvimento enquanto movimento cultural e principalmente as mudanças que ocorreram desde o surgimento do Passinho.

Ainda na década de 90, quando o funk carioca estava se consolidando como uma cultura representativa, os funkeiros buscavam formas de visibilidade e lazer. Dessa forma o corpo como sujeito passou a ocupar espaços religiosamente aos finais de semana para curtirem os bailes com suas galeras. A dança se fez presente desde sempre com o charme, seus gingados e atabaques, passos eram criados a fim de tornar o baile cada vez mais bonito e com o fim de conquistar aquela moça ou aquele rapaz. As galeras de cada bairro se mobilizavam, criavam estratégias, alugavam ônibus para o transporte e se divertiam.

Os anos 2000 foram um marco, não somente por ser início de um novo século, mas também pelas mudanças que o novo traria consigo. O uso das tecnologias foram um desses avanços que contribuíram para que movimentos como o Passinho fosse expandido e disseminado em todo mundo. Através de um click, vídeos passaram a circular na velocidade da luz, tornam pessoas desconhecidas em verdadeiros ídolos da internet, contribuem para que culturas marginalizadas como o funk tenham a possibilidade de se desvendar e contribuir com causas seja elas denunciando abusos de poder nas favelas ou com os diversos nuances de prazer e lazer que os bailes e festas são capazes de trazer.

O intuito desse trabalho foi de ressaltar o surgimento do Passinho e suas formas de produção, como um movimento cultural criado por jovens de comunidades do Rio de Janeiro foi capaz de transformar com a dança o ritmo funk. Partindo de uma análise histórica do funk podemos perceber que a dança sempre se fez presente como uma alça para a música que os Djs tocavam no baile. A princípio a dança coreografada era marcada por “passinhos” do black music, que no Brasil se tornou conhecido como o charme.

Os avanços tecnológicos dos meios de comunicação no século XX colaboraram para percebermos o surgimento e modificações de diversas tendências no mundo da cultura e das artes. Apesar de muitos apontarem para a tendência à uniformização dos indivíduos e suas práticas culturais no mundo contemporâneo, é possível perceber que as apropriações e transformações de culturas estrangeiras no território brasileiro podem ter resultados ricos e intrigantes. O diálogo entre a periferia e o centro, no âmbito local ou internacional, deve existir nas diferentes esferas do conhecimento e da arte, produzindo, a todo o momento, milhares de significados, reflexões e identidades a serem compartilhadas dentro de um mesmo grupo.

Registramos e convivemos, neste estudo, com as diferentes faces dos dançarinos de passinho, e dos mais variados tipos de meios de produção. O baile é um ponto de integração entre os amantes desse estilo de dança que se identificam e se integram nesse espaço social. Os valores e principais características descritas pelos integrantes deste movimento cultural que observamos fazem alusão a uma vida em comunidade, construída com base nas relações

interpessoais, que fortalece e valoriza os elos de amizade, a convivência intergeracional e a confraternização de ideias embaladas por uma trilha sonora que nesse caso é o funk. Estas características do grupo opõem-se à lógica individualista e segregadora das relações descartáveis e utilitárias da sociedade contemporânea.

De fato, o funk conseguiu produzir diversas gerações de artistas, equipes de som e DJs que movimentam um mercado amplo na indústria fonográfica, realizando até hoje bailes com milhares de pessoas; é nesse nicho que o passinho encontrou seu maior público e cresceu. Apesar dos bailes funks e conseqüentemente o passinho serem uma manifestação cultural genuína carioca, a dança tem alcançado inúmeros espaços de legitimação na cidade do Rio de Janeiro e no mundo.

Conclui-se que o Passinho não é uma “onda da moda”, e está longe de ser uma dança elitizada. A principal razão de um movimento cultural resistir com a força do Passinho e seu público cativo fora dos “modismos da indústria cultural” é estar ligado intimamente à identidade de um grupo, que se reconhece e valoriza essa experiência como um ritual fundamental no seu cotidiano.

Observamos que diversos bondes de Passinho têm construído suas carreiras profissionais ou direcionando sua carreira para esse fim. Contando com a ajuda de profissionais da dança e acadêmicos da área cultural os dançarinos puderam perceber a importância da profissionalização, para que pudessem viver da dança. Exemplo disso é a retirada do DRT, registro profissional para ser contratados para trabalharem como bailarinos em companhias de dança e participarem de espetáculos.

Alguns dançarinos se descobriram verdadeiros produtores e exercem papel fundamental no que tange a mobilização e a estratégias de divulgar o passinho para o mundo. Com isso um novo momento se instala no movimento cultural, quando passam a criarem e a escreverem seus próprios projetos. Com a chancela de serem contemplados em editais os dançarinos puderam desenvolver diversas habilidades, tais como a direção de espetáculos, coreografias criadas para eventos, filmes e web series. Habilidades essas que antes estiveram restritas por conta de não deterem os códigos da produção cultural e serem cooptados por articuladores que não tinham conhecimento da dança em si.

Concluo então, enquanto produtora cultural que cabe a nós formadores de opinião e detentores do saber acadêmico que não devemos impor nossas opiniões a fim de que sejam executadas sem debates e de forma hierárquica. Visto que os dançarinos tem uma bagagem muito rica no sentido de conhecimento das suas comunidades e dos bailes que frequentam e

que ao desenvolverem conjuntamente seus projetos possam se reinventar e dialogar com públicos diferentes expandindo sua cultura.

Acrescento ainda que a cultura do Passinho ganhou o status que tem hoje por imensa curiosidade que esses jovens têm de desbravar, de serem vistos e de manterem apesar das adversidades da vida a alegria nos pés.

REFERENCIAS

ARCE, José Manuel Venzuela. Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro Ed. UFRJ 1999, p. 139.

CADERNO nº 5. Globo universidade, São Paulo, outubro 2014 Tema: Menos 30.

CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. p 210.

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ESSINGER, Silvio. Batidão: uma história do funk. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FACINA, Adriana. “Eu só quero é ser feliz”: quem é a juventude funkeira no Rio de Janeiro? 2009

_____ “‘Não me bate doutor’: Funk e criminalização da pobreza”. Trabalho apresentado no V ENECULT.

FREIRE FILHO, João & HERSCHMANN, Micael. Funk carioca: entre a condenação e a aclamação na mídia. ECO-PÓS, vol. 6, nº 2, p. 60

GONÇALVES, Rôssi A. Falas de pretos, pobres e outros periféricos – Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós Graduação em Letras – Teoria Literária, 2005, RJ.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006

HERSCHMANN, M., FREIRE FILHO, João. As culturas jovens como objeto de fascínio e repúdio da mídia In: Comunicação, cultura e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens. 1 ed. Rio de Janeiro : Editora PUC-RJ / Mauad X, 2006, v.1, p. 143-154.

_____ As imagens das galeras funk na imprensa. In: C. A. M. Pereira et al. Linguagens da violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro, Ed.UFRJ, 2000

LOPES, Adriana Carvalho. “Funk-se quem quiser” – no batidão negro da cidade carioca. Unicamp Instituto de Estudos da Linguagem, 2010

NOVAES, Regina. Iguais e diferentes. UNIRIO Caderno nº 5, p 8.

Silva, Negra Maria Gomes Fabiano da. "É melhor tu rabiscar!" : re-existências, problematizações e inquietudes sobre funk, passinho e o corpo negro periférico no Rio de Janeiro / Negra Maria Gomes Fabiano da Silva. – 2016. 64 f. : il.

VIANA, Hermano. O mundo funk carioca Ed. Zahar 1988, p. 104.

Webgrafia

Cebolinha - <https://www.facebook.com/cebolinhadopassinho>

Dj Malboro - <https://www.facebook.com/djmarlborooficial/>

Dj Seduty - <https://www.facebook.com/djseduty>

<http://cetic.br/> (CETIC - Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação) Pesquisa sobre Lan Houses

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/04/01/interna_diversao_arte,477888/depois-do-sucesso-do-clipe-de-ladin-dream-team-do-passinho-lanca-albu.shtml (sobre o cd)

<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/uma-gringa-no-suburbio-do-rio-atras-da-turma-do-passinho/> (Início do Passinho e viagem a Londres)

<http://www.portalitpop.com/2015/03/it-pop-apresenta-dream-team-do-passinho.html#axzz4hwZCoWGt> (sobre o clip De Ladin)

<http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/106201-passinho-e-novo-fenomeno-cultural-do-rio.shtml> (Julio Ludemir sobre as Lan Houses)

<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/pesquisador-desvenda-as-lendas-do-funk-13393757> (Marcelo Gulart - Enciclopédia do Funk)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Dream_Team_do_Passinho (pesquisa)

<https://www.facebook.com/revoltafunkhd/> (Rádio Revolta Funk)

<https://www.youtube.com/watch?v=HDVP-TBzZPI> (Participação no programa Tv Xuxa 22/10/2011)

<https://www.youtube.com/watch?v=N-FvWC9w11s> (Final da batalha do passinho Caldeirão do Hulk 18/05/2013)

<https://www.youtube.com/watch?v=s6nrFX3XVCs> (Mc Bob Rum – Rap do Silva)

Julio Ludemir - <https://www.facebook.com/julio.ludemir>

Leandra Perfect - <https://www.facebook.com/leandra.perfects>

Maria Puppim - <https://www.facebook.com/maria.puppimbuzanovsky>

Passinho Foda - <https://www.youtube.com/watch?v=S-gjytnMvZ8>

Rafael Dragaud - <https://www.facebook.com/rafael.dragaud>

Rafael Mike - <https://www.facebook.com/rafael.soares.355138>

Filmes e Documentários

DOMINGOS, Emílio. A batalha do Passinho. Documentário - Rio de Janeiro, Brasil – 2013.

GARCIA, Denise. *Sou feia mas tô na moda*. Documentário. Brasil, 2005.

GOLDEMBERG, Sergio. *Funk Rio*. Centro de criação de imagem popular. Rio de Janeiro, 1994.

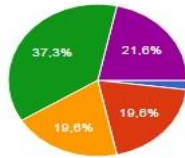
HLB, Leandro e DJ Diplo. *Favela on blast*. Documentário. Brasil, 2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Os5zPmugBzw&t=2256s>.

PORTELLA, Juliana. *As galeras*. Curta documentário. MG Produções, 2015.

RIME, Zeh Rodolfo. *Doc Mix – A história do Funk carioca*. Mix TV, 2013. Disponível em <http://mixtv.com.br/tag/documentario-funk-rio/>. Acesso em 18 dez.2016

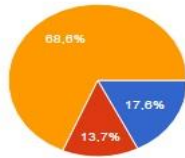
ANEXOS

3. Dança há quanto tempo?



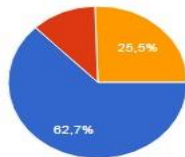
Menos de 1 ano	1	2%
De 1 a 2 anos	10	19,6%
De 3 a 5 anos	10	19,6%
De 6 a 9 anos	19	37,3%
10 anos ou mais	11	21,6%

4. Você tem alguma formação na área cultural?



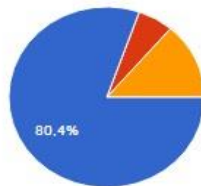
Sim	9	17,6%
Não	7	13,7%
Não, mas gostaria	35	68,6%

5. Você já produziu ou ajudou a produzir algum tipo de evento de passinho?



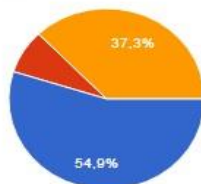
Sim	32	62,7%
Não	6	11,8%
Não, mas gostaria de produzir um evento	13	25,5%

6. Já participou de alguma batalha de passinho?



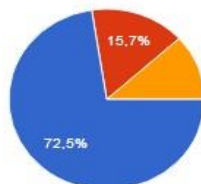
Sim	41	80,4%
Não	3	5,9%
Não, mas gostaria de participar	7	13,7%

7. Você já participou de alguma mesa de debates, workshops de dança, cursos ou editais?



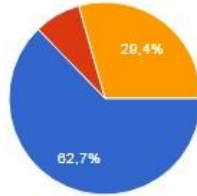
Sim	28	54,9%
Não	4	7,8%
Não, mas gostaria de participar	19	37,3%

8. Você faz parte de alguma companhia de dança?



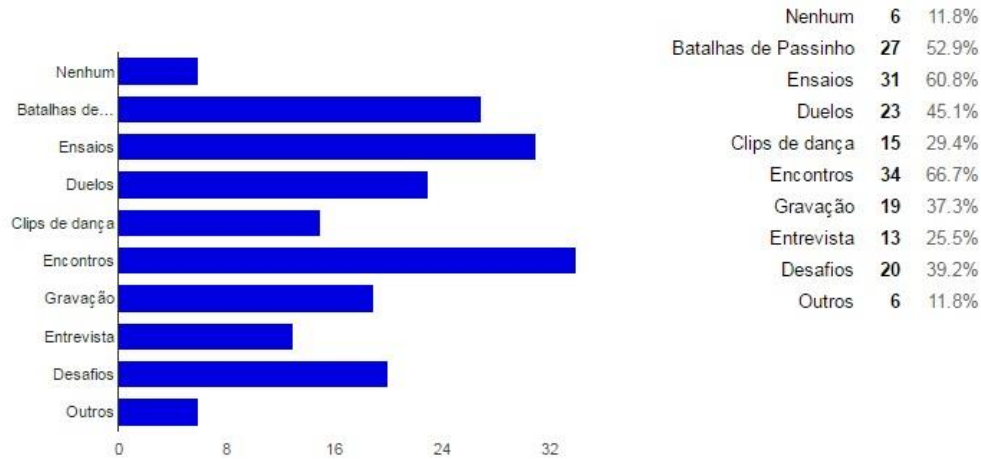
Sim	37	72,5%
Não	8	15,7%
Não, mas gostaria	6	11,8%

9. Você já deu entrevista para alguma mídia, seja TV, rádio, jornal ou internet?

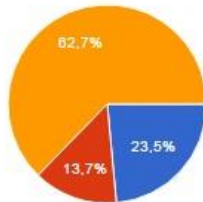


Sim	32	62.7%
Não	4	7.8%
Não, mas gostaria de dar entrevistas e aparecer na TV	15	29.4%

10. Que tipo de evento já produziu? (marque todos os eventos que você já produziu)

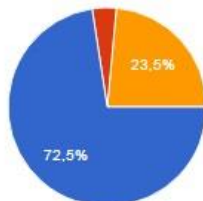


11. Você tem registro profissional DRT?



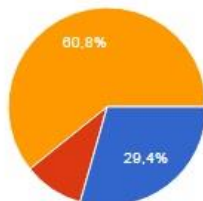
Sim	12	23.5%
Não	7	13.7%
Não, mas gostaria de ter	32	62.7%

12. Você já ganhou algum dinheiro com a dança do passinho?



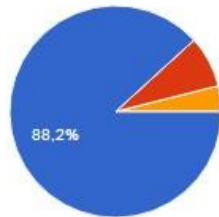
Sim	37	72.5%
Não	2	3.9%
Não, mas gostaria de ganhar	12	23.5%

13. Você se sustenta com a dança do passinho?



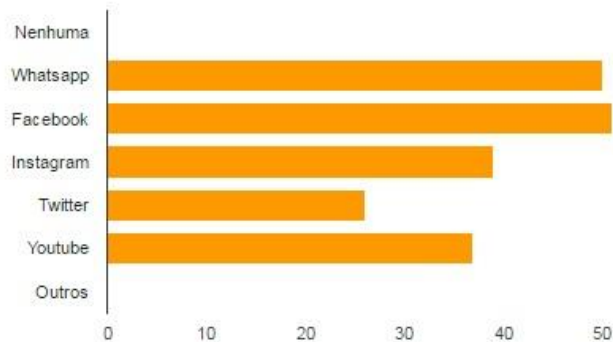
Sim	15	29.4%
Não	5	9.8%
Não, mas gostaria de ganhar o suficiente para isso	31	60.8%

17. Você faz parte de algum bonde de passinho?



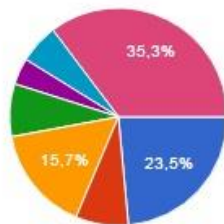
Sim	45	88.2%
Não	4	7.8%
Não, mas gostaria de fazer	2	3.9%

18. Quais sites e redes sociais você usa? (marque todas que usar)



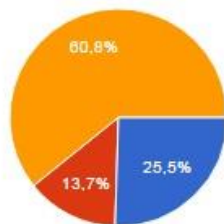
Nenhuma	0	0%
Whatsapp	50	98%
Facebook	51	100%
Instagram	39	76.5%
Twitter	26	51%
Youtube	37	72.5%
Outros	0	0%

14. Se já ganhou algum cachê dançando, quanto foi?



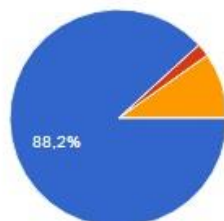
Nunca ganhei	12	23.5%
Menos de 50 reais	4	7.8%
De 50 a 100 reais	8	15.7%
150 a 200 reais	4	7.8%
250 a 300 reais	2	3.9%
350 a 500 reais	3	5.9%
1000 reais ou mais	18	35.3%

15. Você tem conhecimento da lei do artista?



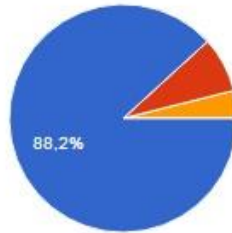
Sim	13	25.5%
Não	7	13.7%
Não, mas gostaria de conhecer	31	60.8%

16. Você já se apresentou em algum evento?



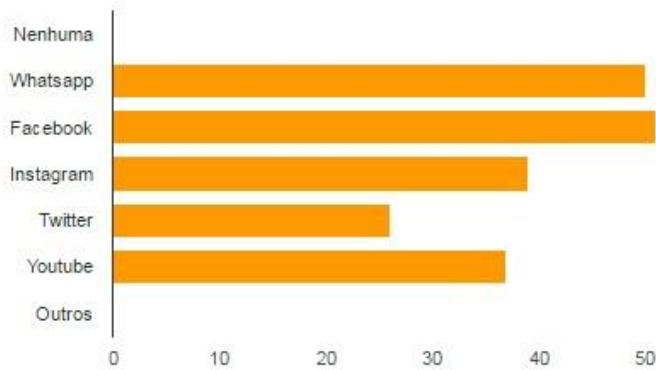
Sim	45	88.2%
Não	1	2%
Não, mas gostaria de se apresentar	5	9.8%

17. Você faz parte de algum bonde de passinho?



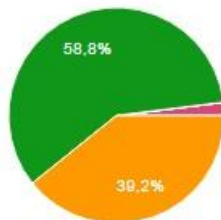
Sim	45	88.2%
Não	4	7.8%
Não, mas gostaria de fazer	2	3.9%

18. Quais sites e redes sociais você usa? (marque todas que usar)



Nenhuma	0	0%
Whatsapp	50	98%
Facebook	51	100%
Instagram	39	76.5%
Twitter	26	51%
Youtube	37	72.5%
Outros	0	0%

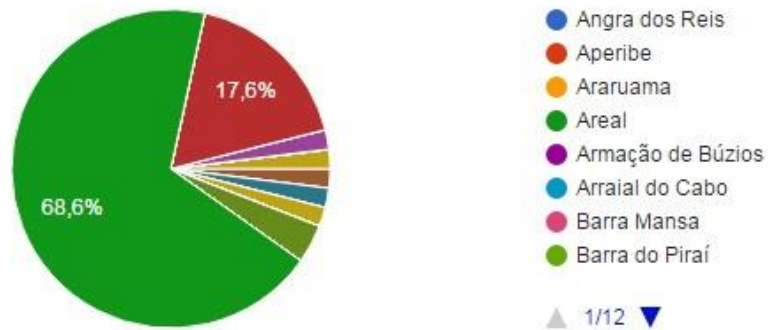
19. Qual seu nível de escolaridade?



Educação Infantil	0	0%
Ensino Fundamental - de 1º ao 4º ano	0	0%
Ensino Fundamental - de 5º ao 9º ano	20	39.2%
Ensino Médio	30	58.8%
Curso Técnico	0	0%
Pré-vestibular	0	0%
Graduação em curso	1	2%
Graduação completa	0	0%
Especialização	0	0%
Mestrado	0	0%
Doutorado	0	0%

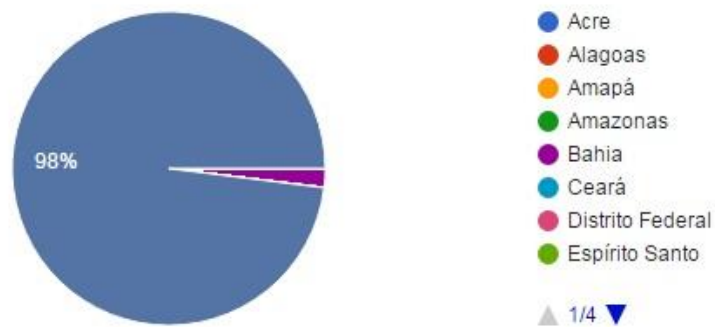
20. Cidade

51 respostas



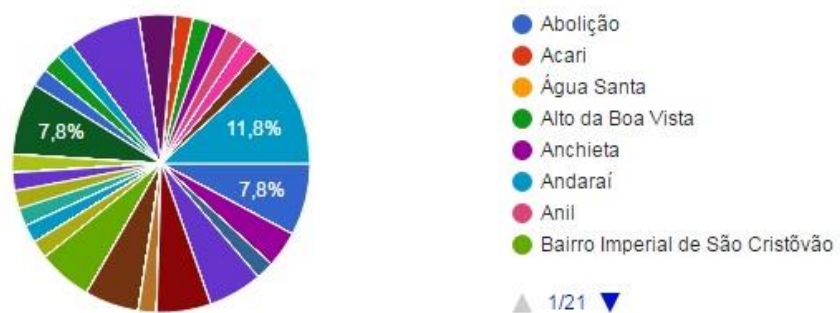
21. Estado

51 respostas



22. Bairro

51 respostas





IACS

aaaaaaa

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 13/07/2017

Eu, JEOSANNY LINO DA SILVA, CPF 119.733.267-86 formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral elou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada "PASSINHO FODA: BONDES E A PRODUÇÃO CULTURAL INDEPENDENTE" defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, PDF.

JEOSANN LINO DA SILVA

Rua Lara Vilela, 126 - São Domingos - Niterói - RJ - CEP 24.210-590 - Tel. 2629-9756